

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

LEONARDO SOUZA DOS SANTOS

AFETOS
EM PAUL B. PRECIADO

São Paulo
Fevereiro/2019

LEONARDO SOUZA DOS SANTOS

**AFETOS
EM PAUL B. PRECIADO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Filosofia do Programa de Estudos Pós-graduados (PEPG) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Jonnefer Barbosa

**São Paulo
Fevereiro/2019**

RESUMO

SANTOS, Leonardo Souza dos. Afetos em Paul B. Preciado. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

A filosofia de Paul B. Preciado diagnostica na pornografia, na tecnologia e na farmácia o poder que atua no presente. Esses três elementos definem psicossomaticamente os afetos contemporâneos. Essa pesquisa propõe uma investigação do conceito de pornografia a partir da filosofia de Paul B. Preciado porque o texto que o corpo em atuação pornográfica encena pretende se tornar fundamento para as relações pessoais, no âmbito profissional, social ou amoroso. O capitalismo usa a força de alegrar como gestos de prostituição formando o texto que o corpo encena.

Palavras-chave: Pornografia; sexualidade; gênero; biopolítica; Preciado.

ABSTRACT

SANTOS, Leonardo Souza dos. Afetos em Paul B. Preciado. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

The philosophy of Paul B. Preciado diagnoses in pornography, technology and pharmacy the power that acts in the present. These three elements psychosomatically define contemporary affections. This research proposes an investigation of the concept of pornography from the philosophy of Paul B. Preciado because the text that the body in pornographic performance stages is intended to become the basis for personal relationships in the professional, social or love. Capitalism uses the force of cheering as gestures of prostitution forming the text that the body stages

Palavras-chave: Pornography; sexuality; gender; biopolitics, Preciado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Jonnefer Francisco Barbosa, agradeço pela condução na minha conquista por liberdade e por ter atribuído valor em desenvolver meu pensamento! A maneira que examina a filosofia e intervém no presente com suas aulas, seus textos e suas atividades públicas foram exemplares para mim. Da mesma maneira, o tratamento que teve com o nosso trabalho cuidou em desenvolver constantemente o meu desejo pela produção intelectual e pela docência, incitando apresentações da pesquisa em oportunidades que a PUC/SP proporcionou. Graças a você, meu sonho de avaliar o mundo com a balança da filosofia foi reconhecido. Viva, guerreiro!

A Yolanda Glória Gamboa Muñoz abriu tesouros conceituais para a minha atuação enquanto filósofo. A criatividade filosófica que possui me ensinou a fazer arte com filosofia. Ainda, a respeito dessa dissertação, a professora dispôs uma atenção especial aos escritos e criou ocasiões para avaliar essas reflexões (colocando inclusive à prova de seus alunos).

Agradeço a Viviane Bagiotto Botton que se interessou em acompanhar essa dissertação desde as prévias, indicando continuidades e transformações. Diversos diálogos e textos foram um diapasão para a consonância desses escritos. Nossa amizade é repleta de muitos conselhos, muita parceria e carinho recíproco. Desejo a você o carinho do universo!

A associação *Carcará*, composta pela Rose Katsanos, o Hermes da Fonseca, o Emerson Noronha, a Chiara Lopez, o Eduardo Liron, bem como outras amigadas que conheci na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o *Coletivo do presente*, a Mayla Silva, o Germano Guarnieri, a Samia Athayde Smaili, a Mayara Rodrigues, a Carina Miranda, a Maria Clara Fernandes e o Caique Nakayama, e também o grupo *Hermenêutica da brisa*, Felipe Cyrillo, Tabita Tonin, Caio Crusco Tomim, Beatriz Ramos, Luiz Asciutti, Fabiano Francisco de Barros, João Vitor Tatsuo, Joaquim Pedro Queiroga, Tomás Pavan, Gabriel Leite, Sam Bittar, Danilo Rodrigues, Ariel Rocco, Nayara Carpi e Arnaldo Vieira, foram companhias essenciais para vivenciar esse ciclo.

Agradeço ao Grupo Foucault, coordenado pelo Márcio da Fonseca e pela Salma Muchail e ao Nucleo de subjetividade, coordenado pelo Peter Pal Pelbart e pela Suely Rolnik. Em especial, o Fabricio Tavares acompanhou a produtividade dessa pesquisa.

O meu amigo e pedagogo Fernando Bonadia de Oliveira me estendeu as duas mãos todas as vezes que imergi em pensamentos oleosos e me recolheu para que eu não sufocasse em sabedorias escorregadias. A condução que faz de seus alunos com conselhos infinitos refletem os espaços de gravidade mais brilhantes que eu já conheci! Graças à atividade que você dedicou na minha educação durante tanto tempo, minhas palavras espelham a potência de uma torre de marfim. Desejo felicidades eternas à você, espinosano!

Agradeço aos que desde o Colégio Pio XII elegeram afinidades químicas como experiências de amizade. Esses amigos são catalisadores da criatividade, sempre vibrantes, estimulam liberação de calor e produzem soluções com múltiplas ligações.

Essas linhas de força são Matheus Falcão e Catalina Egger, Giovanna Devietro e Eduardo Lopes, Vera Sampaio e Ciro Peroni.

Agradeço a Larissa Zani Bueno que, de uma maneira muito inocente e simbólica – sem que na época soubéssemos da vitalidade desse conteúdo, me apresentou com o terceiro volume da História da sexualidade (o cuidado de si) de Michel Foucault. Um lindo gesto de intuição! Esse presente, assim como a própria companhia, me incentivou a percorrer árduos caminhos à mim mesmo e a aprimorar o amor àqueles que tecem as mais lindas relações de amizade comigo. Obrigado!

A obra de Paul B. Preciado foi anunciada por Caio J. Puosso no dia em que apresentou a sua transição de gênero, exigindo da minha concepção de masculinidade um imperativo ético? Desde as citações do *Manifesto contrassexual*, sensibilizou a sua *analítica do prazer* e apresentou formas de interação corporal que me incitaram a aprimorar o artesanato afetivo. Ainda transversamos sobre a etnicidade em mim, aprofundada no percurso dessa pesquisa sobre o corpo.

O Sebo Empório das Letras abrigou diversos amigos, discussões, livros, bebidas, política e outras drogas. Agradeço ao Otaviano Matos, ao Thiago Nebuloni, à Larissa Paglia, e em especial, ao Mário Miranda e ao Marcus Vinicius Braz que conversaram comigo sobre negritude e cultura afrodiaspórica – e também fizeram um desconto nos livros que usei nessa dissertação rs.

Agradeço ao Quarto Andar, esses queridos amigos que fazem música na minha vida a todo o momento, a Mariana Varandas, a Raíza Klippel, e em especial, o Paulo Henrique Santos, a Michele Miranda e o Patrick Lima que conversaram comigo sobre corpos negros e me presentearam com bibliografias importantes para essa pesquisa (e.g., Marx, Benjamin, Agamben). Sem vocês a minha vida seria um erro!

A Juliana Tomazela experienciou memórias que me motivaram no percurso dessa pesquisa – proporcionando muita segurança a respeito de mim mesmo.

O Lucas Cunha é uma amizade que se presentificou em momentos importantes desse percurso.

Agradeço a Marcela Martinez, indicou e torceu pelos percursos para que eu conseguisse a bolsa CAPES para realizar essa pesquisa. Muita música na sua vida!

Agradeço a Julia Abadio Grimaldi porque as nossas palavras um pelo outro estão sendo constantemente tecidas. Eu vivo esse amor com confiança e com liberdade. Sem você, não conseguiria fazer essa pesquisa e dar um presente à todas as pessoas que eu amo, às memórias alegres e tristes que me marcaram. Essa presença me acolheu em **todas** as dificuldades que me envolveram no percurso e agiu com amor, não apenas quando estive sob o risco de qualquer violência que me impus, mas em todos os momentos que estivemos juntos. Você é a harmonia mais brilhante que eu já conheci e quer pulsar nos tempos mais lindos!

Agradeço a minha mãe Vanda Souza dos Santos e o meu pai José Geraldo dos Santos pelo suporte que me deram para realizar um sonho, a minha irmã Gabrieli pelo carinho, e aos meus primos e primas Silvia, Silvio, Amarilis, Letícia, Dani, Samuel, Adalto por me acompanharem nos projetos.

*Às amizades que conversaram comigo
sobre as minhas inversões
e com isso me inverteram -
e, em especial,
à Julia Abadio Grimaldi.*

*O afeto – no curso de uma relação
amorosa ou sexual –
cria circuitos, desenha novas conexões elétricas
em áreas altamente especializadas
do neocórtex cerebral
e determina, através de associações
e imagens mentais,
as regiões específicas do prazer e da dor.*

*O amor é um tipo de mapa de
conexões(movimentos, descargas, reflexos,
convulsões e tremores) que durante um tempo
regula nossa produção de afetos.
O funcionamento deste circuito eletrocelular
se assemelha às fases tônica e clônica
de um ataque epilético, por um lado,
e aos espasmos musculares
e à tensão do coração, por outro.*

*Transmissão de correntes elétricas
de membrana a membrana.
Trata-se de um movimento rítmico,
a necessariamente regular
produção de afetos intensos,
e pouco importa que sejam positivos ou negativos.
O amor, como sistema protético
de informação psicossomática,
transforma-nos em animais cibernéticos viciados.*

Testo Junkie, p. 418.
Paul B. Preciado

CORPO DISSERTATIVO

Introdução.	15
A filosofia de Preciado.....	18
[Como a sexualidade configura as relações?]	
[A resistência da contrassexualidade]	
[O nome e a droga como reposicionamento da percepção e do desejo]	
[A indústria farmacopornográfica educa uma forma de sensibilidade]	
[A arquitetura Playboy é habitar <u>só</u> pela liberdade sexual]	
[A invenção de fantasmas sexuais: querer transar com a ‘garota ao lado’]	
Ensaio pornográfico	44
[A suplementação de memória para o corpo]	
[O discurso sobre o corpo e a articulação dos gestos]	
[A inversão entre público e privado para uma gramática de toques]	
[O sexo com Foucault: outro corpo, outro lugar... outro lugar, outro corpo!]	
[O sexo com Virílio: o prazer da informação, a super exposição do corpo como ato sexual]	
[O sexo com Preciado: a placa tectônica como ato sexual (dildotectonia)]	

Dildos.....	61
-------------	----

[*O pênis grego de Foucault*]

[*O pinto-martelo de Nietzsche ou o crepúsculo do pinto*]

[*Ciência sexual: mecânica da reprodução e mecânica da perversão*]

[*Benjamin Preciado – um museu de dildos ou um sexshop?*]

[*Como assim antropometria sexual?*]

[*Sincronize o seu brinquedo ao vídeo e deixe que o computador te foda!*]

Referências	98
-------------------	----

*Nunca nos olhamos atentamente,
a não ser nesses momentos.
Nunca estamos calmos, nem brincamos,
a não ser durante os breves minutos
de relaxamento
depois do orgasmo.*

*Devo dizer aqui que ficamos muito tempo
sem fazer amor.
Aproveitávamos as ocasiões
para nos entregarmos às nossas brincadeiras.
Não que o pudor nos faltasse,
pelo contrário,
mas uma espécie de mal estar
nos obrigava a desafiá-lo.*

História do olho, p. 11.
Georges Bataille

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais marcaram a virada do século XX ao XXI e, em meio a tais transformações, a pornografia foi amplamente acessada e disseminada, tanto como meio de prazer quanto como meio de conhecimento do próprio corpo e das relações com os demais corpos. Os registros feitos sobre o corpo sugerindo seus prazeres passam a circular intensamente pela sociedade, ainda que circulem mais abertamente em circuitos específicos. As gerações que se formam com a presença das novas tecnologias (e.g., computador, celular, tablets, etc.) passam a lidar com uma série de gestos que instituem uma performatividade que, por sua vez, é culturalmente classificada em intensidades categóricas. Os indivíduos que acessam a pornografia por meio da mídia - fotográfica ou cinematográfica -, são impulsionados a lidar com essa série de gestos e com as intensidades de sua performance para ter prazer com o próprio corpo e causar prazer aos demais corpos.

Aquele ou aquela que assiste é satisfeito com o seu próprio processo de dessubjetivação. Se levarmos em consideração que todo material visual pornográfico aspira fazer coincidir a ejaculação representada e a ejaculação do espectador (abstratamente entendido como homem cis, o ejaculador visual universal), então deveríamos concluir que o prazer do olhar pornográfico reside em uma estridente contradição. Por um lado, gerar a impressão no espectador – por meio da dessubjetivação dos atores pornô – de quem é ele que possui a *potentia gaudendi* dos atores; por outro, ao reduzir o corpo do espectador a receptor involuntário de estímulos ejaculatórios, colocar o espectador em uma posição privada de qualquer poder para tomar decisões sexuais. A característica pornográfica é engolir o próprio esperma, o fato de ser ao mesmo tempo um pau ereto universal e um ânus receptor universal; daí o preceito filosófico: *pornete ipsum*.¹

¹ Cf. PRECIADO, 2018, p. 286.

O que é a pornografia? Essa é uma pergunta que suscita a curiosidade de quem ouve. Com um lapso de memória, convoca a imagem sexual que desestabiliza o sujeito, coloca-o entre o disfarce contínuo e a confissão do próprio desejo – porque todo corpo dispõe de uma pornografia própria. Diante dessa tecnologia, o corpo acessa um cenário em que outros corpos estão dispostos ao prazer: uma gramática de gestos é apresentada com excitações, orgasmos e frustrações. No entanto, a satisfação imaginária é a pornografia? Esse dispositivo inverte público e privado. A mídia programa o desejo coletivo com corpos performáticos – através de mecanismos fisiológicos estimulados por técnicas hipocritamente escondidas² – para contemplar dos espectadores a ejaculação e a fantasia. Se os usuários governam a si mesmos e aos outros na sexualidade informática, como essa *arte da masturbação semiótica* configura politicamente a sensibilidade? Se os brinquedos sexuais inventam uma nova sexualidade, como a imagem é usada como brinquedo sexual na era informática? Se os corpos das personagens assumem um protagonismo performático, os sites pornográficos sucedem as casas de prostituição? Os sites pornográficos constroem com dados antropométricos uma boneca virtual ativa sexualmente, mas como sustentam categorias de relação consigo e com os demais? Essa pesquisa investiga com Paul B. Preciado noções filosóficas para o problema da pornografia como afetos na contemporaneidade.

O primeiro capítulo trata de pontos selecionados da filosofia de Paul B. Preciado, comentando a contrassexualidade no *Manifesto contrassexual*, a droga em *Testo Junkie* e o desempenho do diretor da Playboy Hugh Hefner (1953-2017) em *Pornotopia*. O objetivo desse capítulo é desenvolver conceitos centrais de cada obra.

² Até o monopólio de Pornhub, alguns sites pornográficos possuíam termo de responsabilidade que exigia do usuário a idade superior a de 18 anos para ter acesso ao material. No entanto, esse termo era facilmente burlado por adolescentes que soubessem operações matemáticas básicas.

O segundo capítulo trata da pornografia na filosofia de Paul B. Preciado, discutindo o décimo capítulo de *Testo Junkie* intitulado “Pornopoder” complementando com os comentários de Virginie Despentes que influencia Preciado com o livro *Teoria King Kong*. O objetivo desse capítulo é tratar dos desdobramentos da pornografia como um texto que articula toques que invertem o público e o privado.

O terceiro capítulo trata da diferença entre os dildos e os brinquedos sexuais na filosofia de Paul B. Preciado, bem como o papel do pênis nessa filosofia, o surgimento da ciência sexual – através de uma leitura de Foucault – e o funcionamento dos sites pornográficos. O objetivo desse capítulo é desenvolver com a filosofia de Preciado como partes do corpo que constituem os afetos são analisadas do ponto de vista pornográfico.

A FILOSOFIA DE PAUL B. PRECIADO

*Eis aqui o desafio e a tentação de toda filosofia:
correr atrás do corpo ou da cabeça.
Mas e se a resposta fosse o próprio ato do mestre?
Se a possibilidade da filosofia residisse
não tanto na escolha entre a cabeça ou o corpo,
e sim na prática lúcida e intencional
da autodecapitação?*

Testo Junkie, p. 441.
Paul B. Preciado

Esse é Paul B. Preciado – ele aparece publicamente estranho à normalidade, constantemente inquieto, provocante e transbordando bom humor. Esse filósofo usa os outros filósofos de maneira pornográfica, discursa sobre seus atos sexuais de maneira estética e política, apresenta a história das tipologias sexuais e identifica na pornografia, na farmácia e na tecnologia a subjetividade contemporânea. Preciado usa aquilo que encontra – seja orgânico ou inorgânico, se é que essa distinção existe – como dispositivo para a sua subjetivação, não como mero objeto, mas para propor novos usos. A proposta desse filósofo não é uma negação dos novos dispositivos, mas uma afirmação dos prazeres comuns – ou mais especificamente, uma afirmação da vida em que atue a *liberação da diferença*. Não se trata de ignorar ou destruir aquilo que emerge como próprio à atualidade, mas de *investigar usos opostos às coerções exercidas*: uso dissonante da farmácia, da pornografia e da tecnologia. Paul B.

Preciado *contra-usa* as coisas.³ A perspectiva desse filósofo se atenta ao uso do objeto como um uso que o sujeito faz de si mesmo. Se a relação entre Gilles Deleuze e Félix Guattari é descrita com a imagem de um “cientista bicéfalo” e Michel Foucault como um “genealogista que monta estranhas máquinas com pedaços emprestados”,⁴ Preciado pode ser descrito como um *lego elétrico e erótico com efeitos alucinógenos*.⁵ Podemos dizer que esse filósofo confronta os poderes dominantes com a criação de um espaço para manejar dildos, sob o efeito de algumas drogas e em um corpo comum tecnologicamente pilotado.

O aparecimento da filosofia de Preciado ocorre na teoria *queer*, teoria emergente nas duas últimas décadas do século XX, contando com a produção do filósofo nas duas primeiras décadas do século XXI. As três obras estruturantes desse trabalho são *Manifesto contrassexual* (2002), *Testo junkie* (2008) e *Pornotopia* (2014). *Queer* pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, adjetivo depreciativo contra condutas alheias de prazer e de expressão determinadas pela sociedade; *queer* é uma qualidade que expressa a falha da subjetivação normativizada. Mais especificamente, o termo era designado inicialmente aos gays e às lésbicas estadunidenses de maneira depreciativa pelos *melhoradores da sexualidade*,⁶ acompanhando atribuições pejorativas, a saber, bicha, viado, brocha, marica, maria-macho, sapata, caminhoneira,

³ Marie-Hélène Bourcier afirma em seu prefácio ao *Manifesto contrassexual* que “o que Preciado faz com a filosofia se parece com o que o punk ou mesmo o rap fizeram com a música” (PRECIADO, 2014, p. 9), demonstrando a característica de Preciado propor um uso provocante daquilo que seleciona para confrontar o uso normal. Esse efeito se deve à capacidade de colocar aquilo que é objeto de seu contra-uso de maneira divergente dos limites até então usuais, matendo a semelhança original do objeto.

⁴ FOUCAULT, 2013, p. 43.

⁵ Essa imagem reúne com o humor presente na filosofia de Preciado a tecnologia, a farmácia e a pornografia.

⁶ A tipologia dos *melhoradores da sexualidade* consiste em uma ironia com a tipologia dos *melhoradores da humanidade* proposta no Prólogo de *Crepúsculo dos ídolos* (1888) de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Os melhoradores da humanidade são compreendidos aqui como os melhoradores da sexualidade.

mal comida, frígida, traveco, entre outras designações. O movimento queer trata a acusação de anomia ou patologia de uma maneira específica: afirmando e invertendo o valor do adjetivo imposto internamente ao seu desígnio. Não se trata de negar as atribuições pejorativas concedidas, não se trata de negar a guerra declarada mas, ao aceitá-la, afirmá-la e invertê-la! A guerra não se coloca contra aqueles que se inserem na norma, mas contra os guardiões dos limites de normas, que controlam os outros usos dos corpos. A teoria queer propõe a *afirmação* dos corpos designados como estranhos (se aproximando por isso também das investigações sobre a racialidade). O movimento *queer* desloca o ponto originário da violência presente no movimento feminista, do *pater* (consolidador do patriarcado) para as tecnologias de subjetivação e as respectivas coerções. A teoria queer, ao mesmo tempo que se opõe às desigualdades sociais, propõe-se a entender sob quais processos os corpos normais são direcionados em suas próprias singularidades, fomentando um plano comum e atravessando transversalmente os modos de viver empurrados à anomia, à estranhez. O *estranho* é o elemento filosófico proposto por esse movimento, não exatamente como expressão do contrário, mas como expressão do *diferente*. As exigências desse movimento compreendem não apenas outros corpos ou um processo de transcorporificação dos corpos, mas sobretudo uma relação outra com os corpos que apresentam suas diferenças; trata-se, assim, não apenas de uma teoria sobre os corpos que se apresentam, mas também uma teoria sobre outra relação a se estabelecer com esses corpos. Nessa teoria a atenção está direcionada a perceber o que os diferentes corpos exigem como inter-ação e quais afetos circulam através de diferentes disposições de prazer.

Paul B. Preciado, invertendo um conceito agambeniano, constrói uma filosofia da *pessoa sem identidade*;⁷ aquele que aparece não detém consigo mesmo uma relação de propriedade, mas uma relação ética do impróprio. O sujeito é um objeto de uso comum. Essa transcorporeidade, tanto quanto essa transnomeidade, ocorre como um nomadismo.

À maneira cínica, esse corpo é *instrumento* de um ato público: um discurso franco e corrosivo acerca das experiências vividas. Os livros de Preciado são experimentações corporais. Uma maneira como Preciado escreve filosofia é selecionando casos importantes de sua vida e de outrem para construir comentários, entre outras maneiras, usando pornograficamente pessoas que exercem trabalhos sexuais (e.g., Virginie Despentes) ou intelectuais (e.g., Nietzsche) da maneira que convém na interação de ambos.

O *Manifesto contrassexual* propõe uma resistência à sexualidade, não através das categorias internas à própria sexualidade, como por exemplo, a heterossexualidade (que deseja o prazer do órgão genital diferente daquele que o corpo possui), a homossexualidade (que deseja o prazer do órgão genital idêntico àquele que o corpo possui) ou a bissexualidade (que deseja o prazer de todo o corpo), mas através de uma inversão da própria sexualidade. A *contrassexualidade* é a margem da sexualidade que descentra a sexualidade, ou seja, é regime de *produção de saberes sobre o prazer em que o órgão genital e a sexualidade não se sobrepõem como representantes do corpo todo*. O pênis e a vagina são órgãos genitais, não necessariamente sexuais, e não representam o prazer do sujeito como um todo. A contrassexualidade sobrepõe a sexualidade ao corpo em sua totalidade, criticando o enunciado em que os atos

⁷ AGAMBEN, 2014, p. 78.

inscritos socialmente são derivações de determinadas partes anatômicas do sujeito. Com isso, Preciado denuncia que *a sexualidade não é a natureza do corpo*, que os afetos sob os quais os corpos interagem no regime da sexualidade estão dentro de uma ordem constituída e que *há um fora da sexualidade*. O contrato social vigente (centrado na heterossexualidade) diferencia sexualmente o órgão genital que o corpo possui, disciplinado os corpos e atribuindo à performatividade dos corpos normalizados o estatuto de verdade biológica. Com isso, a contrassexualidade propõe um plano comum de contradisciplina em que a diferença sexual derivada do órgão genital não sujeita corpos a outros, mas pelo contrário, que os sujeitos acessem uma complexidade afetiva em que *reconheçam a si e aos demais como corpos que falam (e deveriam ser ouvidos)*. As interações entre os corpos não estão restritas às condições de homem ou mulher, de normalidade ou perversão, mas simplesmente entre corpos. Com isso, a contrassexualidade proclama a *desconstrução sistemática da naturalidade com que se apresentam as práticas sexuais e o sistema de gênero* e também um complexo de *interações entre os corpos (equivalentes, não idênticos) com saberes sobre o prazer do outro corpo inscritos além das condições reguladas pela normalidade*.

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes.⁸

⁸ PRECIADO, 2014, p. 21.

Segundo Preciado, o nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault (1926-1984).⁹ Dos três volumes da *História da sexualidade* escritos por Foucault, o primeiro volume intitulado “a vontade de saber”, é dedicado a uma interpretação da *sexualidade* que, oriunda na modernidade, tem como emblema na sociedade o “sexo que fala”.¹⁰ O sexo responde ininterruptamente sobre a verdade de si e dos outros, em que o prazer se mistura ao involuntário e ao consentimento à inquisição. O sexo foi colocado no centro de uma *petição de saber*, pois “somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto o sexo é suspeito de saber sobre nós”.¹¹ A sexualidade é incumbida de *extrair do sexo o prazer, o saber sobre o prazer, o prazer em saber sobre o prazer* até o ponto em que *saber do prazer em saber sobre o prazer* é uma perversão. O sexo foi anexado a um *campo de racionalidade*: uma vez que se pergunta “quem somos nós?”, o sexo serve como chave universal e indica na imanência o percurso histórico. Mais que em uma física, o sujeito foi colocado sob uma *lógica do sexo*. O poder sexual é definido de maneira limitada, restrito à *monotonia tática, economia de recursos* e *condenado à repetição*, em que todos os modos de dominação e submissão estão reduzidos ao *efeito de obediência*, de *inserção das interdições*, enquanto *o sucesso é proporcional ao que é mascarado*.¹² O discurso sobre o sexo produz e reproduz o poder, reforça-o ao expor, possibilitando a sua interdição e, ao mesmo tempo, o silêncio acerca do sexo dá guarida ao poder, fixa a interdição, ao mesmo tempo em que afrouxa o laço e dá margem à tolerância.¹³

⁹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 22.

¹⁰ FOUCAULT, 2015, p. 88.

¹¹ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 86.

¹² Cf. FOUCAULT, 2015, p. 93-94.

¹³ Cf. FOUCAULT, 2015, p.110.

O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência, ou que avidez é essa em constituí-lo como o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem trégua? E por que a tarefa de descobrir essa difícil verdade se tornou finalmente convite a suspender as interdições e desatar os entraves?¹⁴

A sexualidade aparece como um *ponto de passagem pelas relações de poder*, não como elemento rígido, mas como *instrumento usado em manobras e pontos de apoio e de articulação para variadas estratégias*.¹⁵ O poder produz a desigualdade entre os corpos, as interdições, a condição das diferenciações, intentando *inserir os discursos sexuais em estratégias globais a partir das relações que servem como suporte e como ponto de fixação*.¹⁶ A produção da sexualidade é, não um dado de um *domínio obscuro em que o saber tenta desvelar progressivamente* como foi pensada, mas uma “*rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder*”.¹⁷

A contrassexualidade aparece como *resistência ao poder exercido pela sexualidade*, e assim, uma *transgressão das interdições*, não como um único lugar de recusa, mas como *resistência plural*, relacionando diversas produções de desejo e de prazer que tem como objetivo *descentrar o ato sexual* (entendido sob a mecânica da reprodução). Mais que descentrar o ato sexual, a contrassexualidade propõe *alterar a heterodivisão do corpo*, o recorte do corpo em que flui a afetividade do gênero masculino e do feminino.¹⁸ Preciado propõe que, ao invés do sexo, o sujeito fale sobre o corpo (em sua totalidade) e que o corpo fale (em sua totalidade) sobre o sujeito. A

¹⁴ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 88.

¹⁵ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 113.

¹⁶ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 102-103.

¹⁷ FOUCAULT, 2015, p. 115.

¹⁸ Cf. PRECIADO, 2014, p. 25-26.

contraprodutividade é a *produção de uma rede alternativa de prazer*, de saber sobre o prazer, de prazer em saber sobre o prazer. Ou ainda, *a contrassexualidade integra estrategicamente as resistências através da produção de táticas alternativas acerca do poder exercido*. Dessa maneira, a homossexualidade reivindicou sua legitimidade dentro do vocabulário e com categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico.¹⁹

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder.²⁰

A contrassexualidade, pensada como resistência ao poder exercido nos aparelhos e nas instituições se dissipa nas estratificações sociais e nas unidades individuais – pois, com a multiplicidade que envolve os atos e os corpos, a contrassexualidade é pensada de maneira móvel e transitória. Por isso, Preciado apresenta na contrassexualidade um contrato com encerramento após os meses desejados pelo sujeito.²¹ A codificação estratégica da contrassexualidade introduz na sociedade rupturas nos corpos que se deslocam, rompe com as unidades estabelecidas pelo controle privilegiado e suscita reagrupamentos.

Na sexualidade “é mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis”.²² A família participa do processo que atribui ao sujeito uma sexualidade, ou mais

¹⁹ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 111.

²⁰ FOUCAULT, 2015, p. 105.

²¹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 45.

²² FOUCAULT, 2015, p. 105.

especificamente, a família participa da maneira como a relação do sujeito permuta entre a sexualidade e a aliança.

Não se deve entender a família, em sua forma contemporânea, como uma estrutura social, econômica e política de aliança que exclua a sexualidade, ou pelo menos a refreie, atenuando tanto quanto possível e só retenha dela as funções úteis. Seu papel, ao contrário, é o de fixá-la e constituir seu suporte permanente. Ela garante a produção de uma sexualidade não homogênea aos privilégios da aliança, permitindo, ao mesmo tempo, que os sistemas de aliança sejam atravessados por toda uma nova tática de poder que até então eles ignoravam. A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança.²³

Na contrassexualidade os corpos rompem identidades, alteram maneiras de se identificar, se deslocam, são pontos de resistência móveis e transitórios, suscitam reagrupamentos que percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando em seus corpos e almas novas regiões. A contrassexualidade abole o contrato matrimonial e a testemunha do Estado como garantia de contrato sexual.²⁴

•

Se Paul Virílio (1932-2018) usa o conceito de *técnica* para explicar a ciência contemporânea, tratando-o como uma *pesquisa exploratória com um instrumento descobrindo o desempenho limite, eficiente ao conquistar taticamente a virtualidade*,²⁵ não é à toa que *Testo Junkie* (2008) está repleto de *tecnocorpos*. O *tecnocorpo* é o conceito que articula uma *pesquisa exploratória com o corpo descobrindo o desempenho limite e conquistando taticamente a virtualidade*. Mas como Preciado pesquisa com o corpo até o desempenho limite?

²³ FOUCAULT, 2015, p. 118.

²⁴ Cf. PRECIADO, 2014, p. 36.

²⁵ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 9.

O corpo foi instrumento de pesquisa sob o efeito de testosterona. *Testo Junkie* trata de ultrapassar os limites de gênero com uma droga enquanto escreve sobre as mutações em si mesmo e as mutações globais. A proposição de uma *causalidade geral da droga*, de que *toda droga investe diretamente no sistema de percepção* (tanto interna quanto externa e especialmente a percepção de espaço-tempo), pode dar a concluir que a droga modifica a velocidade, a percepção das formas e do movimento; *ao modificar a percepção a droga modifica a manifestação do desejo*.²⁶ A droga insere o corpo em outra interação com o mundo, nos planos que o corpo compõe (ou seja, os lugares maiores que se relacionam com o corpo) e, inversamente, nos planos que compõe o corpo (ou seja, os lugares menores que se relacionam no corpo).

Como todas as drogas primeiramente concernem às velocidades, às modificações de velocidade, aos limiares de percepção, às formas e aos movimentos, às micropercepções, à percepção devindo molecular, aos tempos sobre-humanos ou sub-humanos etc. Sim, como o desejo entra diretamente na percepção, investe diretamente a droga (daí o fenômeno de dessexualização na droga).²⁷

Essa é uma maneira de apresentar a transição de Beatriz Preciado para Paul B. Preciado, ultrapassando os limites de percepção de Beatriz para os limites de percepção de Paul e, por sua vez, conquistando não apenas a atualidade, mas a virtualidade de um homem transgênero. Com isso, a transcorporificação através da testosterona reposiciona no corpo de Preciado a percepção e o desejo, modificando progressivamente suas relações vitais, a produção de afetividade em suas relações e a teoria escrita em *Testo Junkie*. Não apenas a testosterona, mas a relação vital com o nome também surte o efeito de droga, de transformação na percepção e no desejo do corpo, na emissão da voz (própria ou conquistada com o uso da testosterona como remédio) que designa o corpo próprio em outra gramática. Esse deslocamento em

²⁶ Cf. DELEUZE, 2016, p. 159.

²⁷ DELEUZE, 2016, p. 159.

direção a outra interação com o mundo transforma com o corpo o perceber e o desejar, curando os processos simbólicos a respeito de si mesmo de maneira que influi na escrita e impacta a vida de outras pessoas por ser um livro experimental. A droga proporciona outra memória e instrução a respeito dos objetos, assim a testosterona destaca memórias e saberes sobre si mesmo simultaneamente à transformação.²⁸

Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria. Registram-se, aqui, tanto as micromutações fisiológicas e políticas provocadas pela testosterona no corpo de B. P. quanto as modificações teóricas suscitadas nesse corpo pela perda, pelo desejo, pela exaltação, pelo fracasso ou pela renúncia. Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: pertencem a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos, dos resíduos das inovações tecnológicas, da preparação para as guerras, do tráfico de escravos e de mercadorias, da criação de hierarquias, das instituições penitenciárias e de repressão, das redes de comunicação e vigilância, da sobreposição aleatória de técnicas e de grupos de pesquisa de mercado e de blocos de opinião, da transformação bioquímica da sensibilidade, da produção e distribuição de imagens pornográficas.²⁹

No entanto, seria ingênuo tratar apenas do uso farmacológico como remédio, pois há também o uso como veneno. A droga pode ser compreendida como veneno no momento em que seu efeito passa a conjugar os outros fluxos, ao assentar outros fluxos sobre si mesma. Ao contrário das conexões com outros fluxos, causa uma desconexão organizada.³⁰ A importância de pensar a droga como ou remédio ou veneno é porque nesse livro surge o conceito de *farmacopornografia*. A indústria farmacopornográfica surge com a sucessão da indústria cultural. A indústria cultural foi teorizada por Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). A indústria cultural fornece um ar de semelhança ao caos cultural: as mídias (seja rádio, revista, cinema, arquitetura, etc.) são convergidas culturalmente por negócios empresariais.³¹ A indústria farmacopornográfica, por sua vez, dá identidade ao caos

²⁸ Cf. DERRIDA, 2005, p. 50.

²⁹ PRECIADO, 2018, p. 13.

³⁰ Cf. DELEUZE, 2016, p. 160.

³¹ Cf. ADORNO et al., 1985, p. 99.

cultural com outras intenções: não basta selecionar por semelhança as idéias que dirigirão a massa culturalmente, a farmacopornografia direciona a corporeidade. Trata-se assim da produção de gestos e toques corporais, do costume corporal com quaisquer objetos, da modificação das percepções internas e externas, das velocidades e lentidões, de maneira que funcione como remédio ou veneno para o corpo. O corpo como texto socialmente construído é subjetivado pela farmacopornografia.

.

A tese de doutorado de Paul B. Preciado em arquitetura, na introdução apresenta uma surpresa: a relação entre a *Playboy* (revista conhecida pelo conteúdo pornográfico) e a arquitetura estadunidense na segunda metade do século XX, conscientemente destacada pelo diretor Hugh Hefner. Quase todas as revistas desde 1953 haviam incluído reportagens coloridas sobre arquitetura, criando seus próprios projetos de desenho e de decoração da casa.³²

A revista havia popularizado os desenhos “Ático playboy” (*Playboy Penthouse Apartment*), da “Cozinha sem cozinha” (*Kitchless Kitchen*) e da “Cama giratória” (*Rotating bed*) que se veriam depois materializados com a reconstrução em 1959 da Mansão Playboy, um “*Love palace* de 32 quartos” que servirá de inspiração ao estúdio para o primeiro *reality show* da história da televisão, emitido em 1959, e decorado de inúmeras fotografias que acabarão depois em páginas da revista. Se inicia, assim, durante os anos sessenta uma operação midiático-imobiliária sem precedentes: a Playboy constrói um arquipélago de clubes noturnos e hotéis disseminado ao longo dos territórios urbanos da América e da Europa, recheando as páginas das revistas com reportagens que permitem observar o interior habitado desses espaços exclusivos. Esse duplo processo de construção e de mediação alcança seu momento mais importante com a mudança da Mansão de Chicago a Los Angeles e com a restauração da Mansão Playboy Oeste em 1971. Durante a guerra fria, a *Playboy* havia se tornado uma plataforma de difusão da arquitetura e do desenho como bens centrais de consumo da nova cultura popular americana.³³

³² Cf. PRECIADO, 2010, p. 16.

³³ PRECIADO, 2010, p. 14-15 (tradução livre).

Hefner criou hábitos para o corpo interagir no espaço, *transformou o homem heterossexual estadunidense em playboy*.³⁴ O apartamento de solteiro, esse lugar erótico alternativo à casa familiar, penetrou todo o tecido urbano através da revista e, posteriormente, do clube e da televisão. O espaço criado por Hefner havia conquistado a atenção de arquitetos com relevância pública, como Reyner Banham (1922-1988) e Sigfried Giedion (1888-1968).

Para Giedion aquilo já não era um conflito de estilos, mas uma batalha moral em que a expansão da “arquitetura playboy”, cujos sintomas eram a “superficialidade”, o “cansaço”, o “escapismo”, a “indecisão”, vinha pôr em questão os valores da “honestidade”, “retidão”, “coerência” e “fidelidade” que haviam caracterizado a “tradição moderna”. Nessa história traçada por Giedion, a palavra “playboy” excede a referência literal à publicação no papel para indicar uma mutação da cultura americana propiciada por um conjunto de práticas de consumo visual. A *Playboy* havia suposto não somente a transformação do pornô em cultura popular de massa, mas também, como Giedion talvez intuía, um ataque frontal às relações tradicionais entre gênero, sexo e arquitetura. Talvez o que se escondia por trás da ameaça da “arquitetura playboy” era a possibilidade de uma “revolução”, já não ótica [como ele queria], mas política e sexual, que modificaria não simplesmente as formas de ver, mas também os modos de segmentar e habitar o espaço, assim como afetos e formas de produção do prazer, colocando em questão tanto a ordem espacial viril e heterossexual dominante durante a guerra fria quanto a figura masculina heróica do arquiteto moderno.³⁵

Ao situar o retrato de Hefner junto às fotografias [de outros arquitetos americanos, como Philip Johnson, Raymond Loewy, Chales Goodman na *Architectural Forum* de 1962, homens de brancos vestidos de preto em seus estúdios, com músculos relaxados e até sentados à altura do chão, com óculos de sol e dando o lugar do charuto ao cigarro, reafirmando seu status social estabelecendo uma distância com os modelos da masculinidade das classes trabalhadoras ou rurais], podemos concluir que, como signo de uma mutação cultural em andamento que Gideon devia pressentir com irritação, enquanto Hefner se esforça por adotar os códigos visuais de representação da masculinidade do arquiteto, os arquitetos começam a desejar ser representados como playboys. A reapropriação de Hefner dos códigos performativos de produção da identidade de gênero do arquiteto tradicional através do retrato não é portanto meramente casual, mas revela um processo de transformação da arquitetura em relação com os meios de comunicação e cultura popular. Enquanto que, na mesma época, Le Corbusier, Philip Johnson ou Buckminster Fuller utilizarão os meios de comunicação (cinema, televisão, rádio, etc.) como formas de reprodução e representação da arquitetura, Hefner entenderá a arquitetura, a invenção de formas e o desenho de um espaço interior como parte de um projeto de expansão midiática da *Playboy*.³⁶

A “pele solta sobre o músculo e pêlo grosso no nariz” que geriu essa subjetividade é Hugh Hefner (1926-2017), ou mais especificamente, Hefner foi a pessoa que ordenou a imaginação que seria entendida como poderosa e prazerosa

³⁴ Cf. PRECIADO, 2010, p. 17-18.

³⁵ PRECIADO, 2010, p. 18-20 (tradução livre).

³⁶ PRECIADO, 2010, p. 22-23.

através de uma identidade de masculinidade e outra identidade complementar de feminilidade criadas no laboratório Playboy. Para explicar essa formação de subjetividade, duas noções propostas por Paul B. Preciado serão desenvolvidas: a primeira, a noção de Preciado ao descrever Hefner como “o Platão moderno em uma caverna pornô” e, por outro lado, ao descrever “[a] caverna, o corpo feminino e a incubação [presentes na Mansão Playboy] como [o] simulacro de um espaço natural”.³⁷ Ora, mas de que forma Hefner e Platão se confrontam? Será apenas o uso da caverna? Como é possível que Hefner seja comparado com Platão, ou mais explicitamente, como é possível que o criador de um simulacro seja comparado ao filósofo que combateu os simulacros ao distingui-los das idéias? Será apenas mais uma das brincadeiras pretensiosas de Preciado?

Para desvendar a comparação entre Hefner e Platão é preciso entender o que Preciado pretende ao usar Platão como um personagem conceitual, assim como, o que Preciado pretende ao compará-lo a Hefner ao atribuir um simulacro à caverna, ao corpo feminino e à incubação. O apoio epistemológico para a afirmação de Preciado são as obras de Gilles Deleuze, o Apêndice de *Lógica do sentido* (1972) e *O que é a filosofia?* (1984). Em *O que é a filosofia*, no capítulo “Personagens conceituais”, Deleuze atribui a capacidade de um filósofo expressar conceitos assinados em suas obras através de dois tipos de personagens: o personagem conceitual e o personagem de diálogo.³⁸ O personagem de diálogo é o representante do filósofo autor e o personagem conceitual é aquele que representa o plano de imanência do autor que intervém na própria criação dos conceitos. O personagem conceitual não é o representante do autor, o filósofo (autor) é somente o invólucro do conceito em

³⁷ PRECIADO, 2010, p. 136.

³⁸ Cf. DELEUZE, 2010. p. 78; 91-93.

pessoa, seu pseudônimo. Os personagens conceituais são heterônimos do filósofo, uma maneira pessoal de agir às afecções. Os personagens conceituais propõem uma aptidão do pensamento para se desenvolver sobre um plano comum derivando maneiras de afetar e ser afetado. O personagem conceitual recorta o caos, seleciona desdobramentos específicos em sobreposições de séries heterogêneas, propõe um território em que os conceitos são criados para insistir em intensidades específicas. Deleuze, no entanto, atribui ao filósofo o destino de tornar-se seu personagem conceitual enquanto o personagem conceitual se torna filósofo. É preciso se questionar ainda: qual a aptidão do pensamento que Hefner desenvolve para determinadas intensidades semelhantes ao platonismo? Seria o destino de Hugh Hefner tornar-se filósofo, enquanto o destino de Preciado seria tornar-se um Hefner moderno em um museu pornô?

No Apêndice de *Lógica do sentido*, Deleuze se refere à filosofia platônica como um método de divisões. As divisões platônicas opõem espécies de um gênero selecionando as legítimas, por um lado, e as ilegítimas, por outro.³⁹ A divisão opera através de um fundamento que distingue o modelo e suas cópias como legitimidade e o simulacro como ilegitimidade. O modelo é a essência que fundamenta as maneiras que a cópia aparece; a idéia é o modelo sob a qual uma imagem de um objeto é fundamentada. A relação entre modelo e cópia e, da mesma maneira, essência e aparência, idéia e imagem, cria homogeneidade. O simulacro, por sua vez, não é a cópia da cópia, mas aquilo que deslegitima o modelo e a cópia. O simulacro é um fantasma, um aparecimento que não implica uma essência, uma imagem que não implica uma idéia, uma semelhança que não implica um modelo, mas que efetiva o

³⁹ Cf. DELEUZE, 2015, p. 259-271.

presente. A ausência de fundamento do simulacro cria heterogeneidade, pois a partir de uma imagem sem idéia, quaisquer desdobramentos podem ocorrer. Apesar da semelhança aparecer como elemento comum ao simulacro e à cópia, o simulacro é construído sobre diferenciações, sobre singularidades, ou ainda, o simulacro é um modelo de outridade; tudo o que é afirmado sobre o simulacro se torna legítimo. O simulacro complica um caos composto por séries heterogêneas simultâneas que se desdobram cada uma de maneira específica. O simulacro é a inversão do platonismo, encerrando a representação que relaciona através de um fundamento o modelo e a cópia, a essência e a aparência, propondo como um impostor no lugar da idéia, uma imagem comum a quaisquer perspectivas, que se desdobra de maneira determinadamente singular. A simulação, exprimindo uma máscara (ou um gesto), é a efetivação do simulacro que torna a divergência e o descentramento efetivos. Essa proposta trata, não de propor quais são as legitimidades compreendidas nas idéias (desdobradas em imagens por sua vez), mas ao contrário, de propor quais são as imagens (e através dela os desdobramentos) a serem desenvolvidos no comum. Dessa forma, a diferenciação é um elemento constitutivo do desdobramento semelhante (comum).

Na obra *Pornotopia* (2014), Preciado cria o conceito de um espaço em que ocorre a inscrição de prazeres, descrevendo-o como um outro lugar instaurado em um ambiente, dissipando a realidade com a força de uma ilusão. Esse espaço outro é instaurado para dar outro lugar aos corpos, ou mais especificamente, outro corpo aos corpos, dispondo-os a criar desejos e a transformar desejos em prazeres.⁴⁰ A Playboy é um complexo midiático que relaciona o espaço, o prazer e a tecnologia, criando

⁴⁰ PRECIADO, 2010, p. 118-120.

conteúdos midiáticos (a revista, o programa de televisão, os clubes e os acessórios para o corpo ou para a casa) produzindo uma subjetividade sexual e alterando convenções sociais. A pornotopia carrega consigo uma complexidade de signos, um contexto histórico, as relações econômicas que a legitimam e as tecnologias para dispor os corpos de maneiras comandadas pelas forças de um poder. Após a primeira fase de uma pornotopia identificada por Preciado nos projetos de Sade (37 casas de prostituição estatais) na França em revolução no século XVIII, a Playboy se torna a segunda fase pornotópica, centrada no capitalismo norteamericano durante a Guerra Fria e propondo diversas formas de dispor o corpo e o lar a partir de suas disseminações midiáticas. A Mansão Playboy e a Mansão Playboy Oeste eram os laboratórios em que Hefner desenvolvia técnicas de subjetivação a partir das imagens transmitidas pelas televisões, clubes, fotos e artigos em revista e acessórios para o corpo ou para a casa. A Mansão Playboy é o território em que os conceitos do personagem Hefner são criados: a mulher (a *bunnie*, a *playmate* e a *girl next door*; a coelhinha, a jogadora acompanhante e garota ao lado, todas em relação de homogeneidade) para o homem solteiro (*playboy*), a casa para o homem solteiro e o sexo entre as subjetividades anteriores. O *playboy* é o homem solteiro personagem do diálogo, útil para a interlocução de Hefner, porém, curiosamente o *playboy* é o personagem que não fala. Ainda mais, o *playboy* não é apenas o personagem que não fala, o *playboy* é o personagem que responde o que é incitado: responde à *playmate* e à casa o que os conteúdos propostos por Hefner selecionam. Ora, quais intensidades insistem nesses conceitos propostos por Hefner? Como ocorre a imbricação entre platonismo e simulacro, legitimação homogênea e imagens desdobradas

heterogeneamente? Para responder a essas questões, é necessário investigar de que maneira Hefner é comentado por Preciado.

A piscina da Mansão Playboy, representada fotograficamente como uma caverna cheia de mulheres nuas, opera como um útero arquitetônico onde os habitantes masculinos que a casa faz germinar são incubados. A caverna marcada pelas conotações do espaço primitivo e colonial, o corpo feminino e a incubação se apresentava como o último simulacro de um espaço natural ao que somente podiam acessar os *happy few* [poucos felizardos] convidados escolhidos. Uma das fotos publicadas na revista *Playboy* mostra aos visitantes menos afortunados, os que tinham que permanecer na primeira planta, olhando através da armadilha que dá acesso à gruta tropical. Parecem tensos e assustados, como se temessem que o cimento da casa fossem ceder. Enquanto observam expectantes às *playmates* na caverna, parecem convencidos de que a condição de possibilidade do prazer sexual masculino depende exclusivamente desse “buraco” e de sua capacidade para penetrar nele. Enquanto, na parte posterior do sótão, no “quarto subaquático”, Hefner contempla a festa que rola na caverna através de uma janela, com a tranquilidade de quem vê o último episódio do programa de televisão *Playboy's Penthouse*: Hefner era um Platão moderno em uma caverna pornô.⁴¹

Preciado descreve uma festa na Mansão Playboy organizada por Hefner. A festa ocorria em esteira pela Mansão, esteira em que os convidados atravessavam segundo a liberação que Hefner propunha aos seus corpos. A subjetividade do *playboy* era legitimada gradativamente: dos convidados da festa, poucos tinham acesso aos espaços em que a festa verdadeiramente ocorria; como diria o apóstolo, “muitos eram chamados, mas poucos escolhidos”.⁴² A festa era dividida em diversos setores, contendo diversos acessórios caseiros para o conforto dos visitantes, projeções visuais e musicais, mulheres treinadas para servi-los comidas e bebidas. As duas primeiras plantas eram espaços de convivência para os visitantes, porém, a terceira planta em diante (contendo diversas suítes, semelhantes arquitetonicamente aos bordéis de Chicago e às “*maisons closes*” francesas) era cuidadosamente fechada por Hefner, seus amigos e suas funcionárias preferidas para descansarem por um tempo. Os objetos mais intensos de desejo dos convidados estavam na igualmente restrita caverna com piscina projetadas por Hefner. Na caverna, as *bunnies* [coelhinhas] e os escolhidos da festa se banhavam, bebiam, ouviam música, dançavam e interagiam

⁴¹ PRECIADO, 2010, p. 136.

⁴² Cf. Mateus, cap. 22, verso 14.

com os visitantes (segundo os direcionamentos de Hefner), espelindo fotos divulgadas midiaticamente. As restritas caverna e suítes presentes na casa eram angularmente gravadas e disseminadas a partir da decisão de Hefner, proprietário tanto da casa quanto das imagens a respeito do que ocorria nela, podendo ser causa de surpresa inclusive aos convidados ao descobrirem pela divulgação midiática: “aconteceu isso lá na festa?”. Ao se atentar bem, o som da dessa diversão ainda pode ser ouvido pelos mais sensíveis à pornotopia sob o nome de *House Party* [festa em casa], dirigidas por adolescentes que disseminam conteúdos sobre as experiências corporais próprias e dos demais.

Enquanto o sótão, a primeira planta e a segunda planta da casa se caracterizavam por seu cuidado mobiliário, pelos acessórios técnicos próprios ao clube (mecanismos de projeção audiovisual, sistema musical estéreo, etc.), na quarta planta havia simplesmente dormitórios comuns com camas alienadas ou com beliches, chuveiros e pias coletivas, largos corredores com telefones públicos e pequenas caixas de correio assinados com o nome das trabalhadoras. A quarta planta era ao mesmo tempo um barracão operário e um internato, onde as garotas ‘ao lado’ eram treinadas para se converterem coelhas.⁴³ A rentabilidade da Mansão Playboy, tentacularmente autoreproduzida através de suas correias de transmissão midiáticas – a revista, o programa de televisão e os clubes Playboy –, superava a dos mais afamados bordéis de Chicago, mas as coelhas, peças indispensáveis do consumo audiovisual que a Playboy propunha, ficavam quase totalmente excluídas dos benefícios dessa economia. Em troca, a Playboy as propunha se converterem em figuras midiáticas.⁴⁴ Desde o ponto de vista da distribuição vertical, as escadas da casa permitiam organizar a passagem às plantas superiores e seus espaços restritos, onde se falavam ‘os dormitórios das coelhinhinhas’ e aos que os visitantes eram proibidos de acessar, a liberdade sexual das plantas inferiores, onde se esperava das coelhinhinhas que sempre estavam disponíveis para uma sessão de fotografias ou de filmagem. Desde o ponto de vista da produção e distribuição midiática, a casa, com seus espaços temáticos (a caverna tropical, as suítes coloridas, as salas de estar), serviam para gerar um contínuo de imagens destinadas à revista *Playboy* e ao programa de televisão *Playboy’s Penthouse*. A diferença das imagens interiores da casa, que pareciam destinadas a transmitir a intimidade do santuário privado de Hefner, cada uma das fotografias era o resultado de uma cena meticulosamente colocada.⁴⁵

Hefner, com seu alcance da verdade, remiscia a essência da aparência não apenas masculina no século XX, selecionava linhagens legítimas não apenas a partir do modelo de homem (fundamentado em si e em escolhas para as festas) e cópia de homem (a partir dos consumidores Playboy), era grande arquiteto não apenas do corpo

⁴³ PRECIADO, 2010, p. 138.

⁴⁴ Idem. p. 140.

⁴⁵ Idem. p. 141.

dos homens solteiros a partir de uma idéia de homem que somente ele conhecia. Hefner também conhecia a verdade a respeito da mulher, da casa e do sexo entre estes. A subjetividade feminina criada por Hefner era tripartida: *the girl next door* (a vizinha ou a garota ao lado), a *playmate* (a jogadora acompanhante) e a *bunnie* (a coelhinha). As mulheres de Hefner eram, por outras vias, legitimadas também gradativamente para propor uma nova relação de homogeneidade feminina. A coelhinha é a garota treinada perceptivamente e afectivamente para a Mansão, sabia um conjunto de técnicas dispostas a subjetivar prazeres nos convidados e consumidores da Indústria Playboy, conhecia a verdade, era o modelo; a coelhinha é o mais alto escalão da mulher no Império sexual proposto por Hefner. A *playmate* (jogadora) era a garota disposta a copiar a coelhinha, a transmitir a imagem de apta aos prazeres sexuais do homem solteiro, cuidando-o apenas eroticamente e apenas uma vez (para não se tornar esposa ou dona de casa). O homem solteiro (mesmo que divorciado) era o homem disposto a copiar os prazeres playboy, ou ainda, os prazeres de Hefner. O que não se sabia era que o empresário Hefner, enquanto convertia todos os sinais corporais em mídia sexual, era também agente do trabalho sexual. Todos os afetos de Hefner, mesmo os de ordem psíquica, circularam através do pênis. Esse agente era empresário e funcionário de si mesmo. A respeito do trabalho na cama que Hefner inventou para si, Preciado escreve.

Ainda que o funcionamento fosse relativamente básico, a montagem em uma só megaestrutura de um colchão, um somier e um centro de telecomunicações permitia perceber já as qualidades do novo habitat do trabalhador farmacopornográfico. A articulação em um só módulo da cama, estação de gravação e difusão multimídia desfazia as tradicionais oposições entre passividade e atividade, sonho e vigília, repouso e trabalho. A cama havia deixado de ser sinônimo de sonho para se converter em um enclave perpétuo de vigilância midiática. Do mesmo modo, o corpo encostado na cama Playboy já não é um organismo inerte e passivo, mas bem mais um condutor ativo e ultraconectado que produz e experimenta o meio ambiente que a rodeia. Inclusive quando o corpo do ocupante dorme, a cama e suas conexões midiáticas lhe mantém de algum modo acordado. Porque a cama Playboy, como a metrópole, nunca dorme.

O escritor Tom Wolfe descreve a habitação da cama Playboy como uma plataforma suspendida fora o tempo e do espaço: “Não há luz do dia. Na cápsula hermética, Hefner perde

totalmente o sentido do tempo ou da estação do ano. Lhe encanta a noite. Deixa as persianas fechadas, tirando assim a luz da sua vida... Frequentemente nem sequer sabe que dia é. Um amigo sugeriu lhe dar um pacote de sete pijamas com o nome do dia bordado ao contrário, de modo que pudesse ver se olhando no espelho enquanto se barbeia, para ver que dia é. Indissociável de seu ecossistema, o sujeito Playboy não pode habitar sem controlar o (ou ser controlado pelo) meio ambiente que ocupa.

Começa assim uma nova etapa em que Hefner se converte, tal como o descreve seu biógrafo Steven Watts, em “recluso voluntário” de seu próprio paraíso. “Para que vou sair se tudo o que eu quero está aqui?” argumentava Hefner. O diretor da *Playboy*, que tinha então quase quarenta anos e já havia acumulado uma imensa fortuna, passava o dia inteiro em sua cama giratória, de pijama e roupão, inclusive na presença de jornalistas e convidados, comendo barrinhas de chocolate Butterfinger e maçãs caramelizadas, bebendo mais de uma dúzia de Pepsi-colas diárias que provinham de um frigorífico instalado à borda da cama.

Para seu biógrafo Steven Watts, “o isolamento físico e emocional tinha uma base química”. Hefner havia começado a consumir Dexedrina, uma anfetamina derivada sinteticamente a partir da *Ephedra vulgaris* que, além de eliminar as sensações de cansaço e de fome, era um forte estimulante. A Dexedrina, como a Benzedrina, haviam começado a ser comercializadas farmacologicamente nos Estados Unidos nos anos trinta “para manter acordados os sujeitos sobredosificados de hipnóticos ou sedativos”. Paradoxalmente, essa era a droga do homem que vivia em uma cama: um antissonífero. Nos anos quarenta, havia se estendido o uso da Dexedrina por inalação contra a congestão nasal, a alergia e o catarro comum, mas também em remédios para o tratamento de tontura, da obesidade e de depressão. Embora seus efeitos eram muito similares aos da cocaína, a Dexedrina era um estimulante lícito.⁴⁶

A ingestão de remédios por Hefner se assemelhava a dona de casa tradicional, porém a dose de remédios que tomava era perigosamente maior. A jornada de trabalho que seu corpo se ocupava era maior, como recorda um dos empregados que trabalhavam para ele, Hefner podia estar acordado durante três ou quatro dias, sem comer nem dormir, trabalhando febrilmente, sem apenas piscar, concentrado como um maníaco. A cama servia, não para obter sonhos agradáveis, mas para suportar uma esfera de trabalho que produzia ócio e mídia. O êxito sexual do playboy e sua conquista do espaço caseiro dependiam de sua capacidade para excluir de seu novo âmbito pós-doméstico três formas de feminilidade que haviam dominado até então o espaço anterior: a mãe, a esposa e a dona de casa. Porém, a estratégia da *Playboy* não era transformar a mãe e dona de casa em “puta legalizada”, mas modelar uma companheira para o jovem coelho que não suporia uma ameaça para sua autonomia sexual doméstica. Na realidade, a definição da *playmate* não era sexual, mas

⁴⁶ Cf. PRECIADO, 2010, p. 156 (tradução livre).

geográfica. Situada no limite do apartamento de solteiro, ao mesmo tempo ao alcance de sua mão, mas alheia ao seu próprio ambiente doméstico, a “garota ao lado” estava destinada a se converter em matéria bruta para a fabricação da companheira ideal. Finalmente, para um solteiro que não saía do seu apartamento, a melhor presa sexual não podia ser outra que a garota ao lado.

Hefner selecionava, como Platão, a idéia e suas cópias. A própria vida como modelo para o homem solteiro (ambos denominados por *playboy*), a aptidão erótica da *bunnie* como modelo para a aptidão erótica da *playmate*, a Mansão Playboy e o apartamento do homem solteiro. No entanto, ainda resta uma subjetividade feminina... Ora, quem é a garota ao lado? Ao lado de quem, onde e quando? Hefner curiosamente teria inventado... um fantasma! A garota ‘ao lado’ (ou ‘vizinha’) disposta a brincar com o *playboy* era, não a cópia da cópia, mas um simulacro! Hefner teria disseminado midiaticamente não apenas a idéia e a imagem de mulher, a *bunnie* e a *playmate*, mas uma imagem fantasma, uma sobreposição de séries heterogêneas em uma mulher disposta eroticamente ao homem solteiro que o acompanha. A disseminação desse simulacro permitia um desdobramento em qualquer mulher que se apresentasse ao apartamento do solteiro, excedendo apenas pela tríade anterior (e.g., mãe, esposa e dona de casa). Ora, qual teria sido a efetividade em disseminar um fantasma como conteúdo pornográfico? Quais fantasmas aparecem no presente?

Hefner, hábil escritor da história, não duvidará, anos depois, de descrever a concepção da *playmate* como a criação de uma nova subjetividade política cuja a envergadura é comparável a nova mulher proposta pelo movimento feminista: “A *Playmate* do mês era uma declaração política. A *Playboy* se propunha fazer realidade um sonho americano, inspirados nas ilustrações e fotografias nos calendários dos anos trinta e quarenta: a intenção era transformar a garota que vivia justo ao lado em um símbolo sexual. E isso significava que havia que mudar muitas coisas em respeito ao tema da sexualidade feminina para compreender que até as garotas gostavam bastante do sexo. Era uma mensagem muito importante, tão importante quanto todas as lutas feministas”. Se o *playboy* é a figura masculina central nesse teatro pós-doméstico, sua companheira, a *playmate*, é uma agente anônima de ressexualização da vida cotidiana. Hefner chamou “o efeito da garota ao lado” essa campanha de ressexualização

do bairro: supusemos que era natural que as belíssimas *playmates* se desenvolveram em um plano a parte. Na realidade, estamos rodeados de *playmates* potenciais: a nova secretária da oficina, a bela com olhos de coelhinha que ontem se sentou para comer justo em frente, a encarregada da loja favorita onde compramos nossas camisas e gravatas. Descobrimos a Miss Julho no nosso apartamento de vendas”.⁴⁷ O desdobrável de quatro páginas no centro da publicação permitia fazer visível ou expor o interior da garota ao lado, olhar dentro da janela da sua casa, atravessar, como os raios X, o tecido de seu vestido e a deixar nua. A operação de passar a página implícita na mesma estrutura da revista e sua relação com o olho e a mão (ambos também órgãos masturbadores) permitia passar do dobrado ao aberto, do oculto ao exposto, da garota ao lado à *playmate*, do seco ao úmido, da imagem vestida ao corpo nu e, por último, do “voyeurismo” ao “sexo instantâneo”. A possibilidade de abrir e fechar a revista, de mover para frente e para trás, garantia a reversibilidade desse processo.⁴⁸

As verdades conhecidas pelo “Platão moderno na caverna pornô” eram, além de modelos e cópias, simulacros. No entanto, não é o simulacro que garota ao lado que Preciado descreve, mas “a caverna, a *bunnie* e a incubação como simulacro”. Ora, é preciso se atentar à descrição de Preciado para entender que o simulacro foi percebido. O simulacro apontado por Preciado é a união da caverna, da *bunnie* e da incubação. Esses três elementos são o simulacro de um espaço natural direcionados ao elemento que não aparece nessa frase, o *playboy*. O que Preciado aponta é que a união entre esses elementos simulam um espaço nato, original, legítimo, desdobrado pelos homens solteiros do século XX. Mas outra proposta implícita na frase de Preciado é que a união entre esses três elementos em uma seleção apurada por Hefner (para distinguir corporeamente os legítimos e ilegítimos gradativamente) era apenas um simulacro que se desdobrava em séries heterogêneas; o platonismo de Hefner que procurava explicar aos que habitavam a caverna dos solteiros a essência da imagem de mulher, de casa e de sexo, não passava de um simulacro sofisticado desdobrado em diferenciações singulares. Parafraseando Nietzsche, Foucault e Preciado, assim como Deus, o homem e o pênis, “Hefner está morto”, mas como o primeiro desses filósofos respondeu para si mesmo, “está morto, mas tal como são os homens, durante os

⁴⁷ PRECIADO, 2010, p. 63-64.

⁴⁸ Idem. p. 69.

séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. Quanto a nós - nós teremos que vencer também sua sombra!”.⁴⁹ O fantasma dessa pornotopia assombra o ocidente. Ou ainda, “uma caverna mais profunda [se encontra] atrás de outra caverna”, direcionada e por algoritmos anônimos que a selecionam para a união com outros membros de um enorme fantasma pornotópico ainda maior.⁵⁰ Ora, que membros são esses? A sombra do sexo no quarto do homem solteiro escurece um fantasma um pouco mais expositivo, a penetração audiovisual. O fantasma da garota comprometida (*girlfriend*) é mais assustador, não as fotos para a revista Playboy, mas como *revenge porn*. A caverna é agora adornada por aparelhos de vigilância e liberada dos castigadores, tornando-se um dado informático? Ora, sem dúvida, mais que *voyeur*, nos apaixonamos por um dado informático em que quaisquer desejos são tornados prazeres. Não identifico o nome dos fantasmas masturbadores que gerem essa indústria, em um governo de si e dos outros através da punheta nossa de cada dia, mas percebo que os verdadeiros gestores anônimos da marca Pornhub (e seus parceiros Redtube, entre outros menos populares) e Xvideos decidiram que a política interna é mais que nunca algorítmica e categorizante. Sem dúvida é preciso pensar em outro lugar a política dessa pornocracia.

A crítica à heterossexualidade pela teoria queer é direcionada ao uso do corpo como *política exclusiva ao órgão sexual*. A heterossexualidade é um artifício: ela consiste em criar e manter relações afetivas enquanto é interessante tocar os órgãos genitais um no outro. A heterossexualidade é definir os diferentes órgãos genitais como o valor da relação entre um homem e uma mulher – *essas pessoas estabelecem aproximações corporais e vínculos afetivos enquanto o prazer de seus órgãos genitais*

⁴⁹ Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 126, §108.

⁵⁰ Cf. NIETZSCHE, 2005, p. 175, §289.

estiverem ativos! Esse é o discurso que querem impedir que os adolescentes aprendam nas escolas para estimular o lucro de um sistema pornográfico que ordena a todos desempenho até que o corpo se foda!

A homossexualidade se difere ainda que *a sexualidade seja um regime do órgão sexual*. Uma vez que nasce como desvio de conduta genital, a homossexualidade apresentada de maneira pornográfica não se distancia de uma política do órgão sexual, porém amplia as superfícies eróticas do corpo. Essa conduta, no entanto, não é lucrativa para os sites pornográficos e, quando entendida como um cuidado expandido da superfície erótica, permite um cuidado com o outro que é mais amplo que os prazeres genitais.

A contrassexualidade mescla institucionalmente as condutas héterossexuais e homossexuais, pois *cada corpo dispõe uma pornografia que lhe é própria*. Os corpos que se filiam à contrassexualidade não necessariamente restringem o contato genital, e da mesma forma, não necessariamente ampliam a superfície erótica do corpo de qualquer maneira. Se trata da produção de saberes e prazeres para o deslocamento de conduta com corpos que importam.

*Coisa estranha,
esses gritos me devolveram o ânimo.
Alguém iria aparecer,
era inevitável.*

*Não pensei em fugir,
nem tentei diminuir o escândalo.
Pelo contrário,
fui abrir a porta:
espetáculo e gozo inauditos!*

*Imaginem as exclamações, os gritos,
as ameaças desproporcionadas dos pais
ao entrarem no quarto:
o tribunal, a prisão, a força
foram evocados com berros incendiários
e maldições exasperadas.*

História do olho, p. 19.
Georges Bataille

ENSAIO PORNOGRÁFICO

*Foi nesse jogo que se constituiu lentamente
um saber do sujeito,
não tanto sobre a sua forma,
mas daquilo que o cinde;
daquilo que o determina talvez
e sobretudo daquilo que o faz
escapar de si mesmo.*

História da sexualidade I:
a vontade de saber, p. 79.
Michel Foucault

*A pornografia é uma escrita do corpo, uma história sobre o corpo, ou ainda, a narrativa sobre o uso do corpo. Essa tecnologia se estabelece na imbricação entre corpo e linguagem. Nesse sentido, Preciado conceitua o corpo como um texto social.*⁵¹ *O discurso em que um corpo aparece em atuação evidencia uma pornografia, mas não pense que é qualquer corpo que é contado pelo pornógrafo. Nessa história interessa um corpo específico: o corpo em prostituição, ou seja, o corpo que estimula fisiologicamente outro corpo para proporcionar prazer.*⁵² *Nesse sentido, o texto que é encenado na pornografia contém o aparelho psíquico de quem usa o corpo para a atividade sexual. Não que o trabalho da prostituição e da atuação pornográfica sejam idênticos, mas a pornografia contém na atuação os traços da prostituição.*⁵³ A

⁵¹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 26.

⁵² Cf. PRECIADO, 2010a, p. 188, 189.

⁵³ A respeito do trabalho como atriz pornográfica, Virginie Despentes comenta: “As condições de trabalho das atrizes, os contratos aberrantes que elas assinam, a impossibilidade de controlar o uso de sua própria imagem quando abandonam a profissão, ou de serem remuneradas quando sua imagem é utilizada, essa dimensão da dignidade feminina não interessa aos censores. O fato de não existir nenhum centro de apoio especializado em que elas possam encontrar informações diversificadas sobre as particularidades de sua profissão não interessa aos poderes públicos” (cf. 2016, p. 80).

pornografia descreve *através da atuação* o uso que feito do corpo na prostituição para o prazer de outra pessoa; o prazer que a atuação pornográfica inscreve em outro corpo é o que estimula a história. No entanto, *não é o prazer de quem performa na pornografia que atribui um valor à narrativa dessas práticas*. O valor atribuído a essas histórias de prostitutas consiste na *excitação que esses gestos causam em quem percebe*, em quem assiste, em quem ouve. O corpo que atua é avaliado pela intensidade naquele que se coloca a imaginar as histórias, em quem tem disposição para colocar essas imagens em ação. Essas narrativas atuam dispondo as transgressões de um corpo, impõem *novos limites*, excitando a percepção do espectador.⁵⁴ As peripécias das prostitutas são escritas para o uso de uma determinada aparição corporal, independentemente da factualidade anterior a essa narração. A legitimidade dessas imagens independe da ocorrência, a função é *dirigir a sensibilidade do espectador*.

A pornografia coloca um problema real: ele atíça o desejo e lhe propõe um alívio rápido para que haja uma sublimação. Desse modo, possui uma função: relaxa a tensão dentro da nossa cultura entre o delírio sexual abusivo (na cidade, os signos que apelam ao sexo literalmente invadem o cérebro) e a rejeição exagerada da realidade sexual (não vivemos todos dentro de uma grande orgia perpétua, as coisas permitidas ou possíveis são relativamente poucas). O pornô interfere aqui como alívio psíquico para equilibrar a diferença de pressão.⁵⁵

Cada corpo encarna os prazeres inscritos pela atuação pornográfica, as narrações e os corpos se selecionam para tais prazeres: a pornografia é uma ficção que distingue a performance de cada corpo pelo prazeres esteticamente inscritos, pelo desejo disposto de outra maneira a se converter em prazer. A pornografia é o material que o indivíduo dispõe para identificar seus objetos de desejo⁵⁶ – e muitas vezes o nosso

⁵⁴ Virginie Despentes coloca a censura como o centro da história na pornografia, a proibição e o contorno do limite como o exercício de interesse que marca o filme (cf. 2016, p. 79).

⁵⁵ Cf. DESPENTES, 2016, p. 77.

⁵⁶ Cf. DESPENTES, 2016, p. 76. Para Virginie, a pornografia se direciona à sensibilidade psicossomática do espectador, sem a dimensão da palavra ou a reflexão. No entanto, usei a dimensão da

objeto de desejo é exposto de maneira degradante. No entanto, o que aponta Virginie Despentes (1969-) é que frequentemente o cotidiano da atriz pornográfica ou de uma simples mulher é mais degradante que o próprio trabalho sexual.

As condições de trabalho das atrizes, os contratos aberrantes que elas assinam, a impossibilidade de controlar o uso de sua própria imagem quando abandonam a profissão, ou de serem remuneradas quando sua imagem é utilizada, essa dimensão da dignidade feminina não interessa aos censores. O fato de não existir nenhum centro de apoio especializado em que elas possam encontrar informações diversificadas sobre as particularidades de sua profissão não interessa aos poderes públicos.⁵⁷

Ora, mas por quem essas ficções estão sendo contadas? Nos últimos três séculos explodem discursos acerca de diversas maneiras de praticar o prazer, mais especificamente acerca do sexo, configurando um uso do corpo que sustenta essa economia do desejo.⁵⁸

Homens maduros não demonstram a mínima vergonha em seduzir meninas que acabaram de sair da infância, consideram normal se masturbar enquanto olham bucetinhas impúberes. É um problema deles, de adultos, e deveriam assumir as consequências. Por exemplo, sendo particularmente atentos e solícitos em relação às garotas, sempre muito jovens, que aceitam satisfazer seu apetite. E, portanto, muito pelo contrário: eles ficam furiosos que elas tenham a liberdade de fazer exatamente o que eles quiseram assistir. Toda a elegância e coerência masculinas, resumidas em uma atitude: “Me dê o que eu te quero, te suplico, para que depois eu possa te cuspir na cara”.⁵⁹

A pornografia age tanto como *corpo que aparece imerso ao discurso* quanto como *gesto que expressa a gramática sexual do corpo*.⁶⁰ Assim, a maneira que uma subjetividade emite um discurso a respeito de seus prazeres cria um outro corpo gestuando imerso, e imanentemente, a maneira que o corpo gestua discursa os estímulos que articulam a excitação ou a frustração do corpo. Os discursos e os gestos apresentam ao ouvinte a histórias de prostitutas – este é reconhecido por elas;

gramática ou do discurso para demonstrar que nessa dimensão existe um sinal, ou ainda, um fluxo com código.

⁵⁷ DESPENTES, 2016, p. 80.

⁵⁸ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 19-20, 23, 25.

⁵⁹ DESPENTES, 2016, p. 81

⁶⁰ Cf. DELEUZE, 2015, p. 290.

entre o discurso e a atividade se forma o saber sobre uma subjetividade.⁶¹ Os discursos sobre os corpos e a gramática de gestos se esforçam ambos em corresponder essa subjetividade em suas relações.

Se a manifestação da pornografia é a expressão do discurso sobre o corpo gestuando seus prazeres em imanência a uma gramática de prazeres gestuada pelo corpo, *a união entre corpo e discurso configura uma ética*, ou equivalentemente, *a união entre gramática e gesto configura uma estética*. Essas práticas criam as noções de beleza e de feiura que serão atribuídas aos corpos e aos discursos e, decorrentemente, o *sólido afetivo* que se forma através da *imitação que os indivíduos fazem naturalmente entre si*. A efetividade da proposição espinosana acerca da imitação dos afetos na filosofia de Paul B. Preciado é reconhecida pelo próprio filósofo.⁶² Preciado fundamenta sua filosofia no conceito de desejo em Bento Espinosa (1632-1677), mais especificamente na tradução de *potentia gaudendi* em *força orgásmica*, permitindo a derivação desse conceito na mecânica dos afetos. O desejo em Espinosa é configurado pelas paixões e ações de cada indivíduo e, assim, a *imitação dos afetos* é uma *configuração do desejo*, usado para explicar o valor da relação entre corpo e discurso na pornografia.⁶³ Assim, *a imitação dos afetos é a causalidade em que se centra a atuação pornográfica*. A respeito da atividade pornográfica, Desportes comenta.

Os homens não desejavam ver o objeto de suas fantasias sexuais sair da moldura específica a que eles o haviam confinado, e as mulheres se sentiam ameaçadas por sua simples presença, inquietas com o efeito que seu status pudesse provocar nos homens. Uns e outras concordavam numa coisa: era necessário sequestrar as palavras de sua boca, impedir seu discurso, proibir sua fala. Não me concentro aqui sobre alguns casos isolados, mas abordo reações quase sistemáticas. [Ironicamente, Virginie aponta que] era necessário que Coralie [atriz pornográfica] desaparecesse do espaço público. Para proteger a libido dos homens, que adoram

⁶¹ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 79.

⁶² Cf. PRECIADO, 2018, p. 44.

⁶³ Cf. ESPINOSA, 2014, p. 116-117 (EIII, prop. 27, escólio).

seu objeto de desejo continue em seu lugar de origem, quer dizer, desencarnado e, sobretudo, mudo.⁶⁴

Concebemos o ato sexual como um discurso que envolve os corpos? Ora, se a pornografia configura uma estética, não deveríamos nomeá-la não mais como um gesto que envolve a gramática do corpo, nem como um discurso sobre o corpo, mas como um *toque*? Não seria então a *pornografia* uma *maneira de tocar*, um *artesanato afetivo* determinado por essa união encenada entre corpo e linguagem?

Os corpos que se encostam produzem reciprocamente uma memória de outra ordem (convergente ou divergente), ou seja, o toque direciona uma série de acontecimentos. Se estabelecemos a visão como o sentido que percebe os desdobramentos imanentes ao corpo (a maneira de olhar como uma maneira de sentir a causalidade), o olfato como o sentido que percebe a emissão do corpo na imanência, a voz como um discurso sonoro ordenado que modifica o espírito e inversamente a audição como a modificação do espírito através da ordem do discurso, *o tato é o sentido que apresenta uma vontade, que compartilha o direcionamento desejo ao prazer*, que estabelece uma *promessa*, ou ainda, *que usa direcionadamente o corpo* que percebe. *O toque envolve o corpo na afetividade própria do espaço*. Dessa maneira, atento aos sentidos corporais, Preciado integra os mecanismos fisiológicos sexuais ao seu discurso para uma filosofia pornográfica. Da mesma maneira, cada dispositivo propõe como os gestos e os toques se articulam em uma comunidade pornográfica, cuja repetição institui normas para a dinâmica do corpo.

A pornografia *inverte a relação entre público e privado*.⁶⁵ o discurso sobre o corpo narra a história de toques privados na esfera pública ou narra a história de

⁶⁴ DESPENTES, 2016, p. 82.

⁶⁵ Cf. PRECIADO, 2018, p. 282.

toques públicos na esfera privada e, imanentemente, a gramática do corpo articula o toque público na esfera privada ou articula o toque privado na esfera pública. *O corpo performa o toque privado ao espectador na esfera pública e, imanentemente, o corpo performa o toque público ao espectador na esfera privada.* De outra maneira, nessas inversões entre público e privado, *o discurso demonstra a vontade de verdade que a crença no sentido privado dá ao espectador na esfera pública e o discurso demonstra a vontade de verdade que a crença no sentido público dá ao espectador na esfera privada.* Essa vontade de verdade é a vontade de que os demais corpos tenham *vontade de saber sobre o discurso*, ou ainda mais, essa vontade de verdade é a vontade de que os demais corpos *acreditem* no discurso emitido. O discurso pornográfico (que apresenta a imagem do corpo com uma gramática de toques) *articula a presença do corpo* e, com isso, mais que simplesmente apresentar como um corpo gestua com outro (ou consigo mesmo), o discurso pornográfico *articula o sentido na presença do corpo*. Mas o que o discurso pornográfico pretende ao invocar a presença do corpo e do toque ausentes no espaço? Por que dar vida à imagem? Como os discursos pornográficos conduzem as condutas? Despententes continua.

Do mesmo modo que é crucial para os políticos aprisionar a representação visual do sexo em guetos delimitados, claramente separada do resto da indústria, com o objetivo de restringir o pornô a um lumpemproletariado do espetáculo, também parece crucial aprisionar as atrizes do pornô dentro da reprovação, da vergonha e da estigmatização. Não é que elas não sejam capazes de fazer outra coisa, ou mesmo que desejam fazê-lo, mas é que é necessário se organizar para garantir que elas não consigam fazê-lo.⁶⁶

O desejo gostaria de que os outros correspondessem às expectativas e não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso, mas *a instituição responde que no discurso está na ordem das leis, que se lhe ocorre ter algum poder, é da aliança à*

⁶⁶ DESPENTES, 2016, p. 82.

*instituição que ele advém.*⁶⁷ Essas inversões permitem ao corpo articular a transição entre público e privado não apenas dos corpos que atuam na pornografia, mas também dos espectadores. Se o corpo articula a inversão entre o público e o privado, quais são os corpos que articulam a inversão e quais são as articulações que invertem o público e o privado? Qual a atividade do espectador?

O corpo que inverte o público e o privado, os toques que articulam as inversões entre público e privado e o espaço que o corpo toca são parâmetros para uma análise das categorias na direção pornográfica que excitam ou frustram o espectador. Como o corpo toca no espaço une espectador em atividade e personagem em atuação e também une espectadores diferentes em atividade através da imagem sexual. Na direção pornográfica, o corpo personagem desdobra categorias de toques em espaços que através da excitação ou frustração com a imagem aproxima ou distancia o corpo personagem e o corpo espectador e, de outra maneira, aproxima ou distancia o corpo de diferentes espectadores. No entanto, há duas atuações pornográficas em questão que invertem o público e o privado: na primeira atuação, corpos diferentes se estimulam até o orgasmo e, na segunda atuação, um corpo se estimula até o orgasmo para o espectador – ou será que estimula o vazio? O corpo que se estimula ao espectador-vazio encena o espaço em que podem se unir pelo toque. Preciado demonstra a inversão entre público e privado na direção pornográfica ao demonstrar como Hugh Hefner recheia a revista de mulheres que podem ser desdobradas para os encontros entre playboy e playmate.

A nudez pública como categoria social e política, como transgressão legal ou moral, mas também como espetáculo, é uma invenção recente. Só a modernidade tem estilizado a nudez feminina até lhe transformar em uma prática ao mesmo tempo codificada e mercantilizável. Embora existia uma tradição pré-moderna do teatro nu, sagrado ou cômico, o striptease como exploração comercial da nudez em um espetáculo público, como espetáculo que descobre o

⁶⁷ Cf. FOUCAULT, 2007, p. 7-8.

corpo, que o desveste de forma progressiva e coreográfica frente ao olhar de um público que paga por isso, aparece como uma ética do pudor burguês e dos novos espaços de consumo e entretenimento da cidade moderna: circos, teatros populares, *freak shows*, *music halls*, *café-concerts*, cabarés, *water shows*...⁶⁸

Se o corpo estimula a fantasia na atividade pornográfica para o espectador, a revista de *arquitetura* demonstra ao espectador o princípio constitutivo na direção pornográfica - como o apartamento de solteiro deve ser decorado? Ora, a personagem pornográfica atua diferentemente em cada espaço montando a cena.

Não foi a pornografia que mexeu com as elites, fora a sua democratização. A pornografia é o sexo colocado em cena, cerimonial. Porque, num golpe de mágica conceitual que continua nos sendo opaco, o que é bom para alguns, leia-se “libertinagem, traria um perigo iminente para as massas”, que dele deveriam ser protegidas.

A gente se perde rapidamente dentro do discurso antipornográfico: quem é, na verdade, a vítima? As mulheres, que perdem toda a sua dignidade a partir do momento em que fazem uma chupeta? Ou os homens, muito fracos e inaptos tanto a controlar seu desejo de ver sexo quanto de entender que aquilo se trata apenas de uma representação?

A ideia de que a pornografia só gira em torno do falo é surpreendente. São os corpos das mulheres que vemos. E, mais desconcertantes do que uma atriz pornô? Não estamos mais no domínio da “coelhinha”, das meninas que moram ao lado, que não provocam medo, de fácil acesso. A atriz pornô é a liberada, a mulher fatal, aquela que atrai todos os olhares e que provoca inquietude, seja de desejo ou de rejeição. Então por que elas reclamam tanto, essas mulheres que possuem todos os atributos de uma bomba sexual?⁶⁹

O espaço atua nessa narrativa que inscreve prazer – no espaço o prazer é sentido. O espaço age no discurso emitido sobre o corpo e, inversamente, o espaço participa da gramática gestual dos corpos. A relação entre corpo e espaço no discurso é tratada tanto na excitação do espaço no corpo quanto da interferência do espaço em que o corpo está colocado. No espaço investigado por Preciado ressoa a *hipótese incitativa* de Michel Foucault na obra *História da sexualidade* (“a vontade de saber”): diferentemente da *hipótese repressiva* disseminada em nossa sociedade, não seria o corpo continuamente incitado ao prazer e ao discurso sobre o prazer de uma maneira ordenada?

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. Alguma coisa da

⁶⁸ PRECIADO, 2010, p. 76.

⁶⁹ DESPENTES, 2016, p. 84.

ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativadas. Para amanhã o bom sexo. Afinal de contas, somos a única civilização em que certos prepostos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre seu sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação. Mais do que essa incidência econômica, o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso no qual o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade estão ligados entre si. É o sexo, atualmente que serve de suporte dessa velha forma, tão familiar e importante no Ocidente, a forma da pregação. Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar. A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? Através de que caminhos acabamos ficando ‘em falta’ com respeito ao nosso sexo?⁷⁰

Essa tese que Foucault se dispõe a questionar é o discurso de que a proibição, a inexistência ou o silêncio em torno do sexo assombra o passado dos sujeitos. A interdição na sexualidade circula nos discursos com vontade, mas o poder não interditaria com a produção de discursos específicos sobre o prazer? Virginie Despentes comenta a diferença entre o corpo masculino e feminino na pornografia cisheterossexual, sobre o trabalho da atriz e a identificação que produz no espectador, assim como, que a fantasia pornográfica de que a mulher é um depósito de esperma frustra a relação heterossexual na sociedade – e para que haja relação afetiva, essa fantasia tem de ser superada, abandonada frustrada.

Se assistimos a um filme pornô heterossexual, é sempre o corpo feminino que é valorizado, mostrado, aquele com o qual contamos para produzir o efeito desejado. Não exigimos do ator pornô a mesma performance, exigimos que ele tenha uma ereção, que se agite, que mostre o esperma. O trabalho é feito pela mulher. O espectador do filme pornô se identifica sobretudo com ela, mais do que com o protagonista masculino. Como quando nos identificamos espontaneamente com quem é colocado em destaque em qualquer filme. O pornô também é uma maneira que os homens tem de imaginar o que fariam se fossem mulheres, como se esforçariam para satisfazer outros homens, para serem boas putas, criaturas engolidoras de paus. Evoca-se constantemente a frustração da realidade comparada à cena pornográfica, essa realidade em que os homens devem transar com mulheres que efetivamente nunca se parecem com eles, ou, pelo menos, quase nunca. Sobre isso, é importante destacar que as mulheres “reais”, que acumulam signos de feminilidade, essas que repetem doze vezes numa conversa que se sentem “muito femininas” e que participam de uma sexualidade compatível com a sexualidade dos homens, essas são frequentemente as mais viris. Se desejam entrar na heterossexualidade, os homens

⁷⁰ FOUCAULT, 2015a, p. 11-15.

devem passar pela frustração dessa realidade, pelo luto de transar com homens dotados de atributos físicos de mulheres.⁷¹

Desde o *Manifesto contrassexual*, Preciado propõe “a gestão do espaço no nível corporal”.⁷² Em suas confissões sexuais os filósofos selecionados contam que o *espaço dispõe o corpo a se desenvolver dentro de uma ordem específica*; o espaço propõe um *desdobramento temporal* com o corpo que ali presentifica, ou seja, o espaço *interage* convergindo ou divergindo do corpo em suas ações. Ouvindo retornar a voz de Foucault, esse é um espaço prostituinte: estamos tateando um *espaço que ativa desejos, incita prazeres e orgasmos*. Esse *espaço de orgasmo* é nomeado por Preciado *pornotopia*. Em *Pornotopia* (2014), Preciado cria o conceito de um espaço em que ocorre a inscrição de prazeres, descrevendo-o como um outro lugar instaurado em um ambiente, “dissipando a realidade com a força de uma ilusão”.⁷³

A primeira fase de uma pornotopia é identificada por Preciado nos projetos de Sade: 37 casas de prostituição estatais na França do século XVIII – deixando sua herança aos bordéis de Chicago no início do século XX.⁷⁴ A segunda fase de uma pornotopia é identificada por Preciado nos projetos de Hugh Hefner: a Mansão Playboy e seu complexo midiático nos Estados Unidos do século XX durante a Guerra Fria.⁷⁵ Ainda não se sabe se sucedemos à terceira fase de uma pornotopia ou se esta fase se trata de uma etapa de transição, no entanto, Preciado indicou a informática como governo de si e dos outros *online* para “fins lucrativos ou de simples

⁷¹ DESPENTES, 2016, p. 85.

⁷² PRECIADO, 2014, p. 31.

⁷³ Cf. PRECIADO, 2010, p. 118-120.

⁷⁴ Cf. PRECIADO, 2018, p. 298.

⁷⁵ Cf. PRECIADO, 2010a, p. 122-123.

prazer”.⁷⁶ A respeito do benefício que os homens adquirem nessa economia pornográfica, Desportes comenta.

Somente os homens imaginam o pornô, colocam-no em cena, observam-no, lucram com ele, e o desejo feminino é submetido à mesma distorção: ele deve passar pelo olhar masculino. Nós nos familiarizamos lentamente com a ideia do gozo feminino. Até recentemente um tabu impensável, o orgasmo feminino começa a aparecer na linguagem cotidiana a partir dos anos 1970. Primeiro, fazendo-nos entender que falhamos se não conseguimos gozar. A frigidez se torna praticamente um signo de impotência. A anorgasmia feminina não é, no entanto, comparável a impotência masculina: uma mulher frígida não é uma mulher estéril. Nem uma mulher despida de sensualidade. Mas, ao invés de ser uma possibilidade, o orgasmo se transformou em um imperativo. É sempre necessário que nós nos sintamos incapazes de alguma coisa... De novo, porque os homens se apropriaram desse orgasmo feminino: eles são aqueles para quem a mulher deve gozar. A masturbação feminina continua sendo menosprezada, anexa. O orgasmo que devemos esperar é aquele esbanjado pelo macho. O homem deve “saber se comportar”.⁷⁷

Ora, como se comportaria o corpo nessa pornografia se os filósofos do espaço atuassem sexualmente? Foucault é o primeiro a se apresentar ao ato sexual. Esse é um filósofo com muito tato: ele sente o corpo próprio pelo corpo do outro, seleciona o lugar que o encaixa ao outro. *O amor é feito ao sentir o corpo refluir sobre si, com toda a densidade, ao estar entre as mãos do outro.*⁷⁸ Sob os dedos do outro, sente as partes invisíveis do corpo se colocando em existência! O rosto de Foucault adquire certeza ao estar diante o olhar do outro para ver as pálpebras fechadas – que dorme e assiste dormir. *O amor espelha a utopia do outro corpo, coloca as mãos inclusive sobre o que no corpo do outro não tem lugar.* Preciado lembra que o corpo é partilhado em zonas erógenas sob a qual flui a intensidade afetiva.⁷⁹

Foucault percebe o corpo como ‘lugar por excelência’.⁸⁰ O corpo emerge como lugar e, simultaneamente, o lugar emerge com o corpo. Foucault percebe os lugares

⁷⁶ PRECIADO, 2010a, p. 200.

⁷⁷ DESPORTES, 2016, p. 87, 88.

⁷⁸ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 16.

⁷⁹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 25-26.

⁸⁰ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 7.

que põe o seu corpo no corpo do outro como ato sexual. Ao mudar o lugar, o corpo também muda.

Desse lugar do corpo os demais lugares emergem e, ao mesmo tempo, demais corpos... a mudança no lugar-corpo também muda os demais corpos e os demais lugares. Do lugar dos demais corpos emergem, ao mesmo tempo, os demais lugares. Ao mudar o lugar também se mudam, não apenas os demais corpos, mas os demais lugares. Foucault percebe o que as mudanças pode trazer aos demais corpos e o que as mudanças pode trazer aos demais corpos e o que as mudanças de lugar pode trazer aos demais lugares. Ao mesmo tempo, Foucault percebe o lugar que o corpo do outro reflui sobre si com densidade, os outros corpos e os outros lugares que emergem ao dar as mãos, assim como, as mudanças que o outro corpo proporciona nesses outros corpos e nesses outros lugares. Ele se ocupa dessas mudanças do corpo e dos lugares porque estes contém outros corpos e outros lugares – mas como Foucault atua isso?

A invenção de um corpo outro em um corpo mesmo coloca o lugar mesmo em um lugar outro. Foucault encena esse ato sexual com o uso máscara, maquiagem, tatuagem e vestimenta. Da mesma maneira, a vocação de um lugar outro em um lugar mesmo coloca o corpo mesmo em um corpo outro. O corpo mesmo usa o lugar outro (utópico) em que o corpo outro (utópico) aparece em um para atuar sexualmente no lugar mesmo – ao mudar o lugar por outro, também se muda o corpo – e, da mesma maneira, usa o corpo outro (utópico) nesse lugar outro (utópico) para transformar o lugar mesmo. Da mesma maneira que percebe como esse corpo outro reflui sobre esse corpo mesmo, também percebe como esse lugar outro reflui sobre o lugar. O *corpo*, o *lugar em outro lugar*, sobrepõe esse lugar outro no lugar de origem pela vivacidade de um desejo: esse lugar outro dá outro lugar ao corpo, outro corpo ao corpo, um *corpo*

utópico. Esse ato sexual é a *negação do amor*, pois *o corpo está em outro lugar e o lugar é um corpo outro*.⁸¹

Ora, mesmo que Foucault encene o seu ato sexual com um corpo sem lugar através das máscaras, da maquiagem, das tatuagens e das vestimentas (a negação do amor), a diferença aparece no momento em que encena o ato sexual com lábios, percorrer dos dedos, estar entre as mãos e dormir sobre os olhos (amor). O *corpo* é um *lugar em outro lugar*, no entanto, *no amor o corpo está em outro lugar e esse outro lugar está presente*. Nessa pornografia, a presença ou a ausência do lugar outro define o prazer do discurso sobre o corpo ou, inversamente, a presença ou ausência do lugar outro define a articulação do gesto e do toque discursado pelo corpo.

Após se perder sobre os lugares outros utópicos no sexo com outro corpo, Foucault começa a se atentar aos lugares outros reais que se opõem aos lugares de origem. Ao invés de se ocupar sexualmente com o lugar outro que não tem lugar mesmo, ocupa-se com o lugar outro que contesta o lugar mesmo do corpo se estabelecendo.⁸² Observemos, no ato sexual, os lugares indicados pelo filósofo. Foucault sonha eroticamente com diversos lugares no outro corpo, começando com o *lugar de transformação* (e.g., crise, regeneração), que manifesta a sexualidade viril do rapaz com quem Foucault excita e, e aos poucos, pelo comportamento desviante acima da média, Foucault substitui o lugar de crise pelo *lugar de desvio* – preferindo mostrar a *margem* do corpo.⁸³

Essa reviravolta demonstra que os corpos podem querer diluir e fazer desaparecer um lugar de outrora, ou organizar um lugar outro que não existe ainda. Os

⁸¹ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 12.

⁸² Cf. FOUCAULT, 2013, p. 19.

⁸³ Cf. FOUCAULT. 2013, p. 21-22.

corpos podem acariciar o lugar que cria a singularidade do tempo: o lugar que pode parar o tempo ou deixar o tempo se depositar ao infinito em certo espaço privilegiado, como por exemplo, ao olhar o olhar do outro ou ao depositar-se sobre o abraço. Esses *lugares temporais* podem, ao contrário do *lugar de eternidade*, se entrecortar com o *lugar da crônica*, que como o tapa, a palavra repetida ou o olhar que comunica, esse espaço tocado sobrepõe outro instante sobre o presente.⁸⁴ Foucault atentou-se a esses lugares no corpo do rapaz por querer encontrar o *lugar de abertura* e o *lugar de fechamento*, ou seja, quais lugares nesse corpo abre ou estão abertos a outros lugares e quais lugares nesse corpo são fechados ou guardados do mundo exterior.⁸⁵ Talvez Foucault estivesse guardado ao dormir sob os olhos do outro ou ao depositar-se no abraço.

No ápice do encontro, Foucault confessa ao sobrepor os lugares de seu corpo aos lugares do corpo do outro, seja lugares de transformação ou de desvio, de eternidade ou de crônica, de abertura ou de fechamento, o modo como o lugar outro contesta o lugar mesmo no corpo: com a ilusão que denuncia o resto da realidade como ilusão ou, ao contrário, com um lugar real com meticulosa perfeição, tão bem disposto quanto o resto é desarranjado.⁸⁶ Essa é a pornografia por excelência: *o corpo que sobrepõe o lugar outro com a ilusão que denuncia o resto da realidade como ilusão* ou, inversamente, que sobrepõe a si mesmo o lugar outro com meticulosa perfeição, tão bem disposto quanto o resto é desarranjado. O lugar de transformação ou de desvio, de eternidade ou de crônica, de abertura ou de fechamento sobreposto que contesta o lugar mesmo propõe ao corpo a sobreposição de outros corpos e

⁸⁴ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 25.

⁸⁵ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 26-27.

⁸⁶ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 28.

lugares. Dessa maneira, o lugar que o corpo toca no discurso sobrepõe outro lugar que contesta o lugar mesmo como está disposto e, inversamente, o lugar que o discurso articula no corpo sobrepõe outro lugar que contesta o lugar mesmo como está disposto.⁸⁷ Ou de maneira mais interessante, *o lugar que Foucault sobrepõe ao outro corpo contesta o lugar mesmo disposto no corpo do espectador.*

O segundo a se apresentar à atividade sexual é Paul Virílio – que aparece tanto frente às câmeras quanto nos aparelhos de televisão, computadores e celulares dessa pornotopia. Alguns minutos se passam e... há uma *fratura morfológica*? Virílio se distingue espaçotemporalmente em corpo de carne e corpo eletrônico. No corpo viriliano acontece uma *introversão forçada*: se por um lado as fronteiras das cidades foram invertidas com os aeroportos (convertendo a comunicação terrena em aérea), por outro lado os cérebros recebem eletronicamente os sinais de outros corpos (convertendo a superfície carnal em superfície eletrônica).⁸⁸ A filosofia sexual de Virílio constata que *a cibernética descobre na catástrofe técnica o desempenho limite da cultura de massa*.⁸⁹ Assim, o corpo de Virílio tramita em atividades sexuais distintas: por um lado, seleciona através de aparelhos eletrônicos outros corpos em quaisquer outros espaços geográficos para atividade sexual, por outro lado, usa o espaço do aparelho eletrônico para a atividade sexual com outros corpos. Com isso, o corpo programa não mais a aceleração histórica, mas a *aceleração da realidade em*

⁸⁷ Michel Foucault escreve em *As palavras e as coisas* que as *heterotopias*, o conceito usado que descreve a sobreposição dos lugares outros nos lugares mesmo, “solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emanharam, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza ‘manter juntos’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas” (FOUCAULT, 2016, p. XIII). Essa definição de heterotopia por Foucault, que talha a linguagem, coloca ao conceito *lugar* na *pornografia* (e de *pornotopia*) o limite de articular discursivamente (através do corpo ou da linguagem) aquilo que o lugar outro determina. No entanto, ainda que o lugar outro participe da pornografia, Paul B. Preciado explicita na linguagem/gramática o limite de articulação entre o espaço e a linguagem, entre o discurso e o corpo, entre a palavra e a coisa.

⁸⁸ Cf. VIRÍLIO, 2014, p. 7.

⁸⁹ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 11.

detrimento da verossimilhança de cada acontecimento. Se em outro momento a ciência sexual se ocupa da aparição de uma verdade relativa, a tecnociência – que é também uma ciência do desaparecimento – se ocupa com o *saber cibernético que nega a realidade objetiva*. O corpo eletrônico de Virílio atua sexualmente para o corpo em carne que observa e, inversamente, o corpo eletrônico observa se direcionando ao corpo em carne para atividade sexual.

*A explosão de riso que se seguiu
degenerou em uma orgia de corpos no chão,
de pernas e cus ao léu,
de saias molhadas e de porra.*

*Os risos emergiam como soluços involuntários,
interrompendo por instantes
a investida sobre os cus e os paus*

História do olho, p. 18.
Georges Bataille

DILDOS

*Pois é na brincadeira, e nada mais,
que está a origem de todos os hábitos.*

*Um poeta moderno disse que
para cada homem existe uma imagem
que faz o mundo inteiro desaparecer;
para quantas pessoas essa imagem não surge
de dentro de uma velha caixa de brinquedos?*

Walter Benjamin⁹⁰

Após o primeiro orgasmo no quarto, Preciado constata: “Se o pênis é para a sexualidade o que Deus é para a natureza, o dildo torna efetiva, no domínio da relação sexual, a morte de Deus anunciada por Nietzsche”!⁹¹ Essa é uma das brincadeiras sexuais que Preciado nos convida a participar. Esse filósofo quer que brinquemos com o seu dildo. Essa brincadeira sexual joga um flerte que abre uma compreensão de como a pornografia é entendida em suas propostas imorais. Esses convites para brincar com seus vibradores manifestam o que posteriormente será tratado como o conceito de pornografia. No entanto, nos atentemos à frase. Para entender o suspiro diante do dildo, é preciso compreender o riso diante do pênis. Aqui Michel Foucault penetra com o antigo pênis dos gregos! Com esses pênis gregos examinados durante a *História da sexualidade*, Foucault conta sobre o uso dos prazeres que a origem do reconhecimento social era estabelecida em torno daquele órgão sexual.

⁹⁰ 2012, p. 271.

⁹¹ PRECIADO, 2014. p. 80.

Os gregos atuavam sexualmente visando a situação de quem lhes interessava⁹² e os murmúrios que isso causava, mas não são esses os motivos que levaram Preciado a rir do pênis. O sarro aponta o pênis como a origem do prazer e do reconhecimento social, ou seja, com origem da hierarquia sobre quem não tem um pênis. Em relação à penetração do pênis o ato sexual será avaliado culturalmente durante a Grécia Antiga. O homem grego (entendido como aquele que carrega consigo um pênis) será originário de um cálculo de dominação ou de submissão em função das vantagens econômicas e sociais que ele proporciona. Esse homem calcula as suas relações em função das vantagens e desvantagens na relação com os prazeres proporcionados em sua totalidade por outrem (não apenas no contato com seu órgão) e, reciprocamente, o homem grego é objeto de cálculo em função das vantagens e desvantagens na relação com os prazeres proporcionados em sua totalidade (não apenas no contato com seu órgão). O homem ateniense seleciona as vantagens econômicas e sociais adquiridas no ato sexual com outro homem ou mulher. O pênis grego desviava do uso da sexualidade com um homem ou uma mulher decorrentes em desvantagens econômicas e políticas. O cálculo dedicado ao ato sexual não privilegiava exatamente as sensações pelos sentidos do corpo; as sensações do ato sexual são subordinadas à utilidade na relação social entre os envolvidos.⁹³

O pênis grego é entendido o órgão masculino que coage. Por sua força e necessidade fisiológica, o pênis coage tanto o homem que o carrega quanto os demais. Esse órgão define a atividade do homem sobre a cidade e sobre o mundo – sobre aqueles que partilham ou não partilham voz na política –, define o nome do indivíduo, sua função na família, na política, seu direito à palavra, à riqueza e à liberdade. O

⁹² Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 24-25, 41.

⁹³ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 38, 40.

pênis grego é o desígnio de reverência e respeito.⁵ Por causa desse membro o homem tem direito ao domínio de si e dos outros, a superioridade sobre os parceiros e parceiras sexuais, pois esse membro significa a atividade social.

Os gregos desenvolveram um *cuidado com o pênis*, ou ainda, uma veneração religiosa do pênis.⁹⁴ A importância desse órgão ao cidadão estimula a não dispendere o esperma em vão. A masturbação, o trabalho sobre si mesmo, compreende uma escravidão, um uso da serviçal da mão sobre si mesmo decorrendo em desperdício de esperma.⁹⁵ Acredita-se que o desperdício de esperma tornava o organismo do jovem progressivamente esgotado, nocivo à sociedade e à propagação da espécie.⁹⁶

As mulheres tem uma função específica nesse cuidado. As mulheres são entendidas como *trabalhadoras sexuais* – estão aí para proporcionar prazer. No entanto, as prostitutas envergonham a sociabilidade dos homens que frequentam seus trabalhos.⁹⁷ Os bordéis – que recebem o nome de *ergasterion*, designando um lugar de trabalho, um cemitério, um lugar para qualquer um – eram tratados negativamente porque proporcionavam um trabalho que beneficia o órgão sem gerar a descendência.⁹⁸ A prostituição é entendida como um trabalho sem obra, pois o *trabalho é a produção de algo cujo uso envolve algo além do trabalho* – A obra, não o trabalhador, usufrui o prestígio dos cidadãos.⁹⁹ A prostituição tem um valor negativo

⁹⁴ Cf. NIETZSCHE, 2017, p. 89 (X, §4).

⁹⁵ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 28. Por compreender a *masturbação*, um uso da serviçal da mão sobre si mesmo (uma escravidão) decorrendo em desperdício de esperma, Preciado usa esse conceito como explicação da pornografia no *Testo junkie*. Ou seja, a pornografia tem como a primeira exposição de conceito um trabalho sobre si mesmo para estimular a vontade o espectador (Cf. PRECIADO, 2018, p. 281).

⁹⁶ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 21-22.

⁹⁷ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 25-27.

⁹⁸ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 25.

⁹⁹ Cf. AGAMBEN, 2013, p. 355.

porque, além de trabalharem em um espaço com acesso irrestrito aos cidadãos, trabalha sem a produção de uma obra.

A amante e a esposa são favoráveis aos encontros sexuais, pois as mulheres entregam além de seu corpo, as coisas relativas a eles (os bens materiais que o corpo possui).¹⁰⁰ As mulheres casadas não cuidam de outro pênis porque estão sob o poder do marido.¹⁰¹ O cuidado erótico entre mulheres é entendido como um movimento para fora da natureza, semelhante à relação sexual com um deus ou um animal. Uma mulher que se relaciona com outra usurpa o papel de um homem, tomando para si abusivamente o cuidado.¹⁰² O cuidado das mulheres não estava disposto apenas ao pênis do homem viril, mas também ao homem afeminado. O afeminado é aquele que, por imitação dos gracejos da mulher, arrisca a despossuí-la do cuidado.¹⁰³

Com insatisfação ao olhar direcionado, Preciado quer colocar o pênis grego de Foucault para fora da cama.¹⁰⁴ A sexualidade, como sussurra Foucault aos ouvidos de Preciado, é uma *hermenêutica do desejo*: a sexualidade é entendida como uma maneira que os indivíduos dispõem para perceber o desejo.¹⁰⁵ A sexualidade é um regime, uma maneira do desejo de um indivíduo estar disposto em função de um prazer. Mesmo sussurrando aos ouvidos de Preciado, percebamos que não é com Foucault que Preciado suspira após o orgasmo, mas com Nietzsche – mas qual a relação entre a morte do pênis e a morte de Deus? Como o dildo faz o pênis desfalecer sobre a cama? Atentemo-nos ao aforismo 125 de *A gaia ciência*, “O homem louco”,

¹⁰⁰ Cf. FOUCAULT, 2014b, p. 27.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Cf. FOUCAULT, 2014b, p. 32.

¹⁰³ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 24.

¹⁰⁴ Cf. PRECIADO, 2014, p. 97.

¹⁰⁵ Cf. FOUCAULT, 2014a, p. 10.

que exclama aos homens na aurora procurar por Deus.¹⁰⁶ Sob outra perspectiva,¹⁰⁷ esse transgênero procura um pênis.

•

Não ouvistes falar de um transgênero que, em meio a carícias e masturbações, pegou um dildo, se conectou a um dispositivo tecnológico e pôs-se a buscar incessantemente: ‘Procuro pênis! Procuro pênis!’. E, como se lá se reunissem muitos daqueles que não sentiam prazer com o pênis, despertou com isso uma grande gargalhada. ‘Lhe mostraram um?’, perguntou um deles. ‘Ele foi engolido como um

¹⁰⁶ Não ouvistes falar daquele homem louco que, em plena manhã clara, acendeu uma lanterna, correu para o mercado e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’? – E, como lá se reunissem justamente muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. ‘Então ele está perdido?’ perguntou um deles. ‘Ele se perdeu como uma criança?’, disse um outro. ‘Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou?’ – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com o olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! *Nós o matamos*, vós e eu! Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existe ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Nada ouvimos ainda o barulho dos coveiros que sepultam Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que divinos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada do toda história até então!’ – Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. Finalmente, ele arrojou o candeeiro ao solo, de modo que este se estilhaçou e apagou. ‘Eu venho cedo demais’, disse ele então, ‘não é ainda meu tempo’. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo, para serem vistos e ouvidos. Este ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e *no entanto eles o cometeram*! Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou seu *requiem aeternam Deo*. levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: ‘O que são ainda essas igrejas, se não mausoléus e túmulos de Deus?’ ” (NIETZSCHE, 2012, p. 137-138).

¹⁰⁷ Os aforismos 343 e 344, “O sentido de nossa jovialidade” e “Em que medida ainda somos devotos”, de *A gaia ciência* complementarão essa interpretação sobre a morte do pênis.

remédio?’, disse um outro. ‘Ele está guardado em uma cueca? Ele tem medo de nós? Navegou na internet? Digitalizou?’ – gemiam e riam uns para os outros.

O transgênero apalpou essas pessoas com o olhar. ‘Para onde foi o pênis?’, buscou, ‘já lhes direi! *Nós o castramos*, vós e eu! Somos todos seus castradores! Mas como fizemos isso? Como conseguimos fêlar todos os metros? Quem nos deu buraco para guardar todo o sêmen? Que fizemos nós, ao desatar o falo do gozo? O que o excita agora? O que nos excita? Para longe de todo o gozo? Não frustramos continuamente? Aqui, ali e por todo o corpo? Ainda existe excitação e frustração? Não nos tocamos sem libido para sempre? Não sentimos no toque a ausência de um órgão? Não se tornou ele mais mole? Não diminuem o toque gradativamente? Não temos que ligar um dildo a cada reconhecimento? Nada ouvimos ainda o barulho do corte do pênis? Não sentimos o cheiro do desgaste peniano? – também o pênis gasta! Cai o pênis! O pênis continua mole! E *nós o castramos*! Como nos consolar, a nós, castradores entre os castradores? O mais sagrado que o falo até então possuía gozou inteiro sob a nossa tesoura – quem nos limpará esse gozo? Com que água poderíamos nos lavar? Que quentes estímulos, que intensas excitações teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar pênis, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada do toda história até então!’.

Nesse momento silenciou o transgênero, e novamente olhou para os usuários: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. Finalmente, ele arremessou o dildo ao solo, de modo que este se desligou e quebrou. ‘Eu venho cedo demais’, disse ele então, ‘não é ainda meu tempo’. Esse acontecimento enorme está a

caminho, ainda anda: não chegou ainda à pele dos homens. O estímulo e a ejaculação precisam de tempo, o prazer na pele precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo, para serem sentidos. Este ato ainda lhes é mais distante que as mais longínquas carícias – *e no entanto o cometeram!* Conta-se também que no mesmo dia o transgênero irrompeu em vários bordéis e sites pornográficos, e em cada um entoou seu *requiem aeternam pênis*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: ‘O que são ainda esses bordéis e sites pornográficos, se não mausoléus e túmulos do pênis?’.

O maior acontecimento recente – o fato de que “o pênis caiu”, de que a crença no pênis para a sexualidade perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a rede mundial. Ao menos para aqueles que suspeitam com o estímulo, alguma confiança parece ter se tornado dúvida. A juventude caçoa da heterossexualidade. As conversas e demonstrações públicas de afeto apresentam uma transformação, embora para muitos essa notícia sequer tenha chegado – e menos ainda que muitos soubessem já *o que* realmente sucedeu – e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque se apoiava sobre o pênis: toda a nossa família patriarcal, por exemplo.

Ora, durante muito tempo conseguimos nosso prazer daquele órgão que uma crença milenar enrijeceu, aquela crença em que o falo é símbolo do gozo e da procriação. Essa sequência de rupturas, declínio, corte, que agora é iminente: quem poderia hoje seduzir, para servir de professor e trabalhador sexual em uma tremenda lógica da solidão, do prazer contra o atrito e a carícia cortante, tal como provavelmente jamais houve no corpo? Mesmo nós, sedutores natos, que espreitamos a profundidade da pele, por assim dizer, pressionados entre nosso corpo e outro e

estendidos na contradição entre o nosso corpo e o do outro, nós, antecessores e preferidos do próximo afeto, aos quais as sombras que logo envolverão a sociabilidade já *deveriam* ter se mostrado por agora: como se explica que mesmo nós encaremos sem muito interesse o limiar deste atrito, e até sem preocupação e temor por nós mesmos?

Talvez os conceitos de “pênis” ou “falo” não venham a nos parecer mais importantes que um brinquedo ou uma dor da inexperiência com o afeto – e talvez a sedução necessite então de outros brinquedos. Talvez soframos o tempo necessário as *primeiras consequências* desse evento – e estas, as suas consequências *para nós*, não são, ao contrário do que se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de graça, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, interesse... De fato, nós, livres de espírito, ante a notícia de que “o velho pênis caiu” nos sentimos como abraçados por um novo prazer; nosso coração transborda de gratidão, cócegas, acolhimento, expectativa – enfim o contato nos aparece novamente livre, embora não esteja ao alcance, enfim as nossas mãos podem novamente arriscar ao encontro de toda a conquista, novamente é permitida a ousadia de quem busca encontro, a dança, a *nossa* dança, há novamente palco, e provavelmente nunca houve tanta música.

•

Nos atentemos novamente à frase suspirada por Preciado: “se o pênis é para a sexualidade o que Deus é para a natureza, o dildo efetiva, no domínio da relação

sexual, a morte de Deus anunciada por Nietzsche”.¹⁰⁸ Se o que Preciado pretende é a equivalência entre o pênis e o Deus (este último conceituado por Nietzsche), é para evidenciar que se Nietzsche acredita apenas uma vez em quando no mundo como um ser vivo ou como criação de um ser vivo, ou seja, não acredita no mundo como Deus ou como criação de Deus,¹⁰⁹ Preciado por sua vez não acredita na sexualidade condicionada pelo pênis. E ainda, se no aforismo do homem louco,¹¹⁰ o mundo sangra sobre um punhal, da mesma maneira, a sexualidade condicionada pelo pênis é penetrada pelo dildo. Ora, mas o que Preciado pretende ao afirmar o golpe do dildo para efetivar a queda do pênis? Antes de responder essa pergunta excitante, completemos a nossa masturbação em torno do pênis amolecido. Se Nietzsche suspeita os efeitos da morte de Deus para o mundo, acusando que durante séculos a sua sombra ainda será mostrada,¹¹¹ a frase de Preciado não é ingênua em denunciar a morte do pênis para a sexualidade – de que maneira a sombra do pênis é mostrada? Se no aforismo do homem louco, expulsam-no por entoar um réquiem na Igreja que ainda guardava o resto do Deus morto,¹¹² esse transgênero canta nas pornotopias que guardam o resto do pênis. Se após a morte de Deus, Nietzsche denuncia como sombra a moral e a ciência – porque “afirma um outro mundo que não o da vida” e porque “ainda tira a flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina” –,¹¹³ observemos também a sombra que a morte do pênis projeta sobre a moral e sobre... a ciência? Se a sombra de Deus é

¹⁰⁸ PRECIADO, 2014, p. 80.

¹⁰⁹ Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 126-127 (Gaia ciência, §109).

¹¹⁰ Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 137-138 (Gaia ciência, §125).

¹¹¹ Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 126 (Gaia ciência, §108).

¹¹² Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 137-138 (Gaia ciência, §125).

¹¹³ Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 208-210 (Gaia Ciência, §344).

proporcional à sombra do pênis é porque a moral e a ciência peniana afirmam um outro prazer que não o prazer do corpo.

A *ciência sexual* surge como um discurso que pretende tornar verdadeiro ou falso um ato sexual, ou seja, pretende atribuir verdade ou falsidade à prática de um prazer. Se a ciência sexual tem por convicção tornar verdadeiro ou falso um prazer no ato sexual, é por acreditar na legitimidade de certas práticas, é pela intenção de disseminar especificidades no prazer, ou inversamente, de tornar tipos de prazer um saber.¹¹⁴ Ora, mas de onde surgiria a intenção de vincular prazer e saber, senão como a intenção de *não causar o desprazer*, nem sequer a si mesmo? Ou de *não sentir o prazer desconhecido*? – Não estaria a vida repleta de desprazer e prazer desconhecido? Será o prazer e o desprazer que movem a vida? Essa é a sombra do pênis.

O importante nessa história é que tenha sido construído em torno do sexo e a propósito dele um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento. O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade.¹¹⁵

A ciência sexual surge como uma *moral do prazer*: as práticas sexuais conhecidas estabelecem as normas da sexualidade legitimadas pela ciência – trata-se de continuar *um cuidado com o pênis* através do argumento da *reprodução da espécie*, de tratar a reprodução como a prática de prazer verdadeira. O prazer outro praticado e o discurso outro acerca do sexo é entendido por essa ciência como uma doença (perversão); o sexo que não tem como finalidade a reprodução é um desvio de sexualidade, é entendido pela biologia da reprodução como um patologia ou uma

¹¹⁴ Cf. FOUCAULT, 2015a, p. 76.

¹¹⁵ FOUCAULT, 2015a, p. 36.

degenerescência da espécie.¹¹⁶ Mais uma vez, mantém-se a prática da procriação como a prática sexual legítima e, assim, a verdadeira interação sexual com um corpo – e com isso, quais corpos praticam o prazer e como o prazer é praticado. O desvio do discurso sobre o prazer que um corpo pratica forma uma perversão: ao corpo essa ciência atribui uma tipologia sexual desviante.¹¹⁷ Um exemplo que configura essa sexualidade desviante é a personagem que representa a homossexualidade: nada escapa ao princípio de sua conduta, toda a atividade do corpo é uma atividade sexual inscrita sem pudor e que – semelhante ao afeminado grego – inverte em sua conduta sexual o masculino e o feminino; a imagem da homossexualidade é, em todo o gesto, a de um ‘hermafrodita na alma’.¹¹⁸

A morte do pênis significa o fim de uma moral do prazer, o fim da relação entre sexo e verdade, o fim do reconhecimento social por causa órgão sexual, o fim de um domínio sobre si e sobre os outros (e de uma superioridade sobre a parceria sexual) o fim da tipificação da conduta sexual, o fim de um cálculo de dominação e submissão pela totalidade do prazer proporcionado! Com a morte do pênis, transforma-se o *nome* do indivíduo, sua função na família patriarcal, seu direito à palavra e à liberdade.

Em contraponto à ciência que atestava a verdade com a verificação visando o progresso, Paul Virílio (1932-2018) aponta para compreendermos o presente dos diversos corpos, em suas variadas idades, gêneros, etnias, sexualidades e classes econômicas que acessam a *tecnociência* contemporânea como uma *pesquisa exploratória com o instrumento operando até o desempenho limite*, a linha da

¹¹⁶ Cf. FOUCAULT, 2015a, p. 61.

¹¹⁷ Cf. FOUCAULT, 2015a, p. 54.

¹¹⁸ Cf. FOUCAULT, 2015a, p. 48.

catástrofe técnica. *A eficácia da tecnociência é a conquista tática da virtualidade através da robótica ou da cibernética, negando a realidade objetiva pela aceleração da realidade como em um esporte radical que atinge o desempenho recorde assumindo o risco incalculável do desaparecimento.*¹¹⁹ Em contraponto à realidade atual que o cientista atesta com verossimilhança, a confirmação inverossímil que o tecnocientista pesquisa é confirmada pelo *corpo eletrônico*, mesmo que disponha de seu próprio corpo para controlá-lo eletronicamente, condicionando uma situação em que *a interatividade que configura a teleação eletrônica direciona o acontecimento na realidade.*

Todos conhecemos, infelizmente, os abusos midiáticos que envolvem certas ‘descobertas’, o caráter publicitário da divulgação prematura dos resultados desta ou daquela experiência; esses abusos não passam de uma maneira de condicionar a opinião pública por meio de uma ciência dos extremos, menos preocupada com a verdade que com o impacto do anúncio de um achado e não mais, como outrora, de uma descoberta autêntica, útil ao bem comum.¹²⁰

A virtualidade se torna um *hipercentro* em que toda a realidade é margem e *propõe um tempo em que a simultaneidade das ações supera a sucessão das ações*, transmitindo um *horizonte de substituição* em que há uma *preponderância da perspectiva midiática sobre a perspectiva imediata do espaço.*¹²¹ A realidade virtual é uma amplificação da espessura audiovisual das aparências do mundo real. Os *aparelhos tecnológicos não são apenas uma máquina que se obtém informações, mas são máquinas de percepção automática que operam no espaço de uma realidade geográfica.*¹²² As grandes narrativas são substituídas nas vidas de diversos usuários por pequenas narrativas de oportunidade prática. A propaganda exige impor seu meio à contemplação de uma multidão de telespectadores como instrumento de promoção

¹¹⁹ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 10.

¹²⁰ VIRÍLIO, 1999, p. 11.

¹²¹ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 20.

¹²² Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 23.

que dirige o olhar de todos para pontos de vista privilegiados. Em quê desencadeia a tecnociência para a sexualidade? Como a tecnociência configura a pornografia no presente? Preciado, no entanto, não terminou suas relações sexuais com Nietzsche. Ao findar o percurso com o dildo, a filosofia viriliana analisará a sexualidade cibernética. Após o amolecimento do pênis, ambos se preparam para continuar sua brincadeira sexual:

Torna-se necessário filosofar não a golpes de [pinto-]martelo e sim de dildo. Já não se trata de romper os tímpanos, mas de abrir o ânus. É preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado, no qual se toma o prazer ao mesmo tempo que se dá, e como reservatório de reprodução da espécie.¹²³

O pênis de Nietzsche ficou deslocado do contato – ele não pode agita-lo sobre o rosto de Preciado, muito menos saciar a sua *vontade de foder*! O que Preciado pretende ao impedir Nietzsche de sacudir o pau? Como o criativo Nietzsche inverte essa brincadeira? Por que Preciado oferece a Nietzsche o dildo? Precisamos segurar o pinto-martelo para perceber o valor de cada afirmação e diferenciá-lo do golpe de um dildo. Como se estivessem observando como Nietzsche martela, Martin Heidegger (1889-1976), Gilles Deleuze (1925-1995) e Scarlett Marton (1951) nos guiam para decifrar a relação enigmática entre esses corpos.

O primeiro a observar Nietzsche é Martin Heidegger, que ao analisar a obra inacabada de Nietzsche, descreve o *martelo* peniano como o *recurso da vontade de poder* ou o *julgamento de um valor com a doutrina do eterno retorno*. A perspectiva de Heidegger mostra que o golpe com martelo peniano atribui a repetição infinita por decorrer de uma intensa vontade de ir além de si mesmo: a extensa configuração de forças torna a martelada peniana digna de repetição – como se Heidegger visse no

¹²³ Idem.

martelo peniano de Nietzsche o uso de seu ser.¹²⁴ A interpretação de Heidegger sobre o martelo peniano indica que a vontade de poder configurada para além de si mesmo, como amplificação da vontade para outra vontade com maior configuração de forças, torna o uso do martelo peniano um valor infinitamente repetível. Heidegger observa demasiadamente o *ser* de Nietzsche e a *presença* do martelo peniano. Não há testemunha para a interpretação heideggeriana no quarto! Preciado se desloca do fenômeno que Heidegger interpreta. Esse observador se ‘esqueceu duplamente’: quais as forças que estão em configuração na vontade e qual o gesto para o golpe do martelo peniano doutrinar a repetição. A repetição que Heidegger ensina é estritamente cosmológica, isto é, sob essa perspectiva a repetição que a martelada peniana atribui ocorre apenas quando o cosmos reconfigurar as forças no tempo em uma disposição idêntica.¹²⁵

O segundo a observar Nietzsche é Gilles Deleuze, que ao analisar o projeto de Nietzsche com o pênis, descreve o martelo peniano como uma *subversão crítica*.¹²⁶ A perspectiva de Deleuze mostra que o golpe com o martelo peniano *derruba o fundamento, substituindo um sentido por outro*. Com essa interpretação sobre o martelo peniano de Nietzsche, Deleuze se diferencia de Heidegger por sua atenção com as forças que configuram essa martelada: é substituído o sentido reativo do pênis – quando o pênis se vira para trás – pelo sentido ativo fora do corpo encontrado (metafísica). A criação do sentido peniano é sua maneira de ser, seu modo de existência, seu ponto de vista (apreciação) que deriva em seu valor. A perspectiva de

¹²⁴ Martin Heidegger ensina no seu curso sobre Nietzsche que filosofar com o martelo é um capítulo planejado em 1884 para a obra póstuma intitulada Vontade de poder, a partir dos escritos inacabados. Em dúvida entre nomear a obra como Vontade de poder ou Uma filosofia do eterno retorno, Nietzsche escreve como título de um aforismo: “A doutrina do eterno retorno enquanto *martelo* na mão dos homens mais poderosos” (2014, p. 294).

¹²⁵ Cf. HEIDEGGER, 2014, p. 258.

¹²⁶ Cf. DELEUZE, 2018, p. 9.

Deleuze coloca a força do pênis em atividade com o corpo. Se esse pênis está em atividade é porque a crítica acerta como criação... Seria por isso que Preciado afirma que *o pênis é um dildo entre outros?*¹²⁷

A terceira a observar Nietzsche é Scarlett Marton, que ao decifrar o enigma de Nietzsche, descreve o martelo peniano como um *divertimento ao criticar um ídolo*: com o golpe, o martelo *faz o ídolo falar o que queria dissimular*.¹²⁸ Esse martelo aparece em uma obra em que a moral é questionada implicando em uma inversão de valores (*Crepúsculo dos ídolos*).¹²⁹ Mais especificamente, Nietzsche observa que um valor tem também um valor – em íntima ligação com a vida que valora¹³⁰ – e propõe a transvaloração do valor (mudar o valor de um valor) que lute contra a vitalidade do dildo. O pênis nietzscheano, ao martelar, atribui um novo valor à superfície tocada. A interpretação de Scarlett se aproxima das intenções de Preciado com Nietzsche pois ao negar o pênis, ou mais especificamente, ao ‘cortá-lo, deslocá-lo e colá-lo com as tesouras de sapa’, propõe um dildo específico: a oportunidade de compreensão ao tocar a quem ama.¹³¹

Ora, mas nos atentemos a como Preciado surpreendeu Nietzsche na brincadeira sexual. Não se trata de golpe com o pinto-martelo, mas de golpe com o dildo! A nova brincadeira é *romper o costume da sexualidade de reduzir a superfície erógena ao órgão de reprodução da espécie*.¹³² A sexualidade opera tecnologicamente o corpo e o divide em categorias binárias (e.g., feminino, masculino) – acostumadas socialmente

¹²⁷ Cf. PRECIADO, 2014, p. 79.

¹²⁸ Cf. MARTON, 2014, p. 207.

¹²⁹ Cf. MARTON, 2014, p. 212.

¹³⁰ Cf. MARTON, 2014, p. 217, 221.

¹³¹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 86.

¹³² Cf. PRECIADO, 2014, p. 27.

como naturais –, distribuindo assimetricamente o poder desses corpos.¹³³ Nietzsche não percebeu que a sexualidade funciona como uma operação, não apenas do corpo em sua totalidade, mas também em suas partes: a sexualidade recorta o corpo em partes segundo a sua anatomia e coincide o fluxo afetivo do corpo através dos pedaços recortados. O corpo também é operado em partes pela sexualidade de maneira binária, ou seja, o espaço em que a afetividade do corpo flui está assimetricamente distribuído em masculinidade ou feminilidade. O fluxo anatômico do corpo define culturalmente um percurso e uma intensidade afetiva. Esses pedaços de corpo significam a sexualidade, demonstram o desejo e o prazer do corpo, porém a afetividade que o corpo dispõe é assimétrica ao órgão reprodutor (que é significado posteriormente como sexual). A brincadeira sexual entre Nietzsche e Preciado agora é *reforçar os desvios do corpo*, identificar espaços errôneos, atribuir poder à superfícies outras.

Nietzsche larga o pênis para se aventurar com os dispositivos dildônicos indicados por Preciado. Nietzsche se perde na experiência sexual – ao olhar para o dispositivo, a poderosa vontade confunde o *sextoy* e o *dildo*. Ora, mas qual a diferença entre esses brinquedos? Na plasticidade *o sextoy e o dildo se confundem inscrevendo prazer...* Existe uma relação antagônica entre o *sextoy* e o *dildo*!¹³⁴

Observemos primeiro a ontologia do brinquedo sexual para distinguirmos o *dildo* e o *sextoy*. Se Preciado indica as réplicas do museu de obras de arte de Walter Benjamin (1892-1940) para compreender a lógica do *dildo*,¹³⁵ há duas razões possíveis para essa indicação: ou o museu de Benjamin expõe os dildos de Preciado aos visitantes, ou Preciado tentou construir um museu com dildos e acabou por abrir

¹³³ Cf. PRECIADO, 2014, p. 25-26.

¹³⁴ Cf. PRECIADO, 2014, p. 36, 77.

¹³⁵ Cf. PRECIADO, 2014, p. 50.

um *sexshop*! A comparação entre o brinquedo sexual e a obra de arte que estão sobre o corpo de Benjamin demonstra que a confecção do brinquedo sexual impacta sobre a percepção e o modo de existência do indivíduo. A primeira maneira para confeccionar o brinquedo sexual exige *técnica de reprodutibilidade*,¹³⁶ executada por mestres que difundiam seus brinquedos sexuais, discípulos que exercitavam tais técnicas de elaboração e comerciantes, interessados na troca por um objeto de valor. A técnica de reprodução confecciona um brinquedo sexual que carrega consigo a aura de autenticidade. Essa aura remete o brinquedo sexual à interferência histórica e à atenção dos apreciadores,¹³⁷ cujo exemplo de Preciado é o dildo *olisbos*, confeccionado na cidade de Mileto (século III a.C. na Ásia menor) e considerado pelos cidadãos uma “imitação do membro viril”, esculpido em madeira ou em couro recheado e generosamente untado em azeite, para a masturbação de mulheres que não recebiam cuidado com o prazer por outrem ou por mulheres que dispensavam o cuidado masculino (denominadas *tribadas*).¹³⁸

A segunda maneira de confeccionar o brinquedo sexual exige *reprodutibilidade técnica* e esta, por sua vez, uma técnica de produção do brinquedo sexual para a reprodução e para a exposição.¹³⁹ A transformação da técnica reflete na transformação da percepção do indivíduo e, assim, um modo de existência – ou uma sexualidade – simultaneamente se transforma!¹⁴⁰ Um exemplo dessa transformação da percepção é o retrato: a representação do corpo, que exigia aprimoramento no desenho e na pintura, é facilitada pela fotografia. A produção do brinquedo sexual como

¹³⁶ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 180.

¹³⁷ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 182, 184.

¹³⁸ Cf. PRECIADO, 2014, p. 197.

¹³⁹ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 186.

¹⁴⁰ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 183.

imagem começa como instrumento de magia – o que importa é que essa imagem exista, não que seja vista pelos demais.¹⁴¹ A prática ritualística com a imagem do brinquedo sexual tem como função a execução, o ensinamento ou a contemplação da magia sexual, para a ocorrência do efeito mágico atribuído ao brinquedo sexual.¹⁴² Com a fotografia, o valor de culto começa a recuar diante o valor de exposição da imagem.¹⁴³ Preciado exemplifica esse uso da pornografia com a publicação do sexo privado entre Paris Hilton e seu namorado, vídeo pornográfico de um boquete como anúncio de uma atriz pornográfica que não atua por necessidade econômica, mas por publicidade, anuncia a produção tecnológica de uma sexualidade com valor de mercado informático.¹⁴⁴ Na época em que cada pessoa pode reivindicar o direito de se registrar pela fotografia ou filmagem,¹⁴⁵ o *amador* dissemina a foto ou o vídeo do corpo como brinquedo sexual (*nude*), em pose ou gesto com atuação pornográfica, que excita a sensibilidade de outrem. Com o uso dos aparelhos, *amador* e *atuação* pornográfica (público e autor) cada vez mais se confundem. O *nude* efetiva a magia por meio da contemplação ou da execução do registro, possui *valor de culto* que, inversamente, pode reverter-se em *valor de exposição* através da reprodutibilidade técnica – adquirindo o estatuto de *revenge porn*! A inversão da nudez, o valor de culto tornado valor de exposição, é uma vingança praticada contra quem dispôs a imagem como brinquedo sexual para o prazer de outrem.

As artes da reprodutibilidade técnica têm como função social equilibrar as relações entre o homem e o aparelho, tanto a representação que o homem faz de si por

¹⁴¹ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 187.

¹⁴² Cf. BENJAMIN, 2012, p. 188.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Cf. PRECIADO, 2018, p. 295-297

¹⁴⁵ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 199.

meio do aparelho quanto a representação que o homem faz do mundo graças ao aparelho.¹⁴⁶ A reprodutibilidade técnica permite o trabalho sobre a realidade do objeto.¹⁴⁷ A fotografia e o cinema como brinquedo sexual são exemplos do tratamento artesanal sobre a realidade. A arte gera uma demanda cujas extravagâncias derivam da força historicamente mais rica e cujo atendimento só pode efetivar posteriormente, em uma nova técnica.¹⁴⁸ A legenda explicativa indica a interpretação da imagem, cada vez mais imperiosa, inibindo a contemplação livre da recepção.¹⁴⁹ Os filmes pornográficos nos sites pornográficos (e.g., *xvideos*, *pornhub*) sugerem sexo entre padrasto e enteada, madrastra e enteado, meio-irmão e meia-irmã, simulando que a identidade do “sexo ao próximo” com o mandamento do “amor ao próximo” excita a família expandida.

O indivíduo sabe que diante do aparelho sua função ao registrar a imagem como brinquedo sexual é instaurar a relação com a massa – mesmo que a massa exista invisível enquanto a atividade com o aparelho é executada, ela estabelece o controle do indivíduo em atuação.¹⁵⁰ Da mesma maneira, a massa controla as reações do indivíduo na recepção, indivíduo cuja soma constitui a reação coletiva do público, é condicionado desde o início pela reação coletiva.¹⁵¹ Por meio do que é capturado com o aparelho é compreensível o inconsciente ótico e pulsional do indivíduo, a fantasia inseminada e compartilhada em fluxo comunitário. Preciado exemplifica o inconsciente ótico e pulsional com a revista *Playboy*, que apresenta fotografias da

¹⁴⁶ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 204.

¹⁴⁷ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 209.

¹⁴⁸ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 205-206.

¹⁴⁹ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 189.

¹⁵⁰ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 195.

¹⁵¹ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 203.

intimidade feminina sensivelmente coreografada ao olhar masculino coletivo.¹⁵² O prazer do homem de *olhar sem ser visto* domina os códigos visuais fotográficos e cinematográficos: não se trata de registrar na fotografia um homem olhando para uma mulher, mas de registrar a mulher do ponto de vista masculino – uma categoria herdada aos sites pornográficos. A contemplação da encenada imagem íntima feminina demonstra que o olhar masculino insiste em perceber eroticamente a mulher; o erotismo é o sentido extraído da mulher pelo olhar do homem. A massa dispersa demonstra que não é apenas o brinquedo sexual que decorre da reprodutibilidade técnica, a massa também é fabricada com a reprodutibilidade técnica do brinquedo sexual.¹⁵³

O brinquedo sexual unifica dois tipos de recepção pela massa: a *dispersão* e o *recolhimento*. Na dispersão, o indivíduo é penetrado pelo brinquedo sexual e, inversamente, no recolhimento, o indivíduo penetra com o brinquedo sexual. As duas recepções do brinquedo demonstram que a percepção (ou contemplação) do brinquedo sexual pelo indivíduo disperso configura uma recepção ótica, enquanto o uso do brinquedo sexual pelo indivíduo que o recolhe configura uma recepção tátil.¹⁵⁴ Preciado exemplifica com duas lésbicas, a *butch* e a *femme*: a *butch* é a lésbica que recolhe o dildo da *femme* para tocar seu prazer – exemplo tratado mais a diante.

O que Preciado deseja ao indicar que Nietzsche pegue o brinquedo sexual sobre o corpo de Benjamin? Preciado evidencia que se o *sexttoy* é o brinquedo da sexualidade, instrumento de intensificação e fetiche no ato sexual,¹⁵⁵ o dildo é o brinquedo da contrassexualidade: o dildo se distingue do sextoy porque *o dildo é*

¹⁵² Cf. PRECIADO, 2010, p. 54-55.

¹⁵³ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 210.

¹⁵⁴ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 208.

¹⁵⁵ Cf. PRECIADO, 2014, p. 95.

disruptivo! O dildo é o brinquedo que *reforça o desvio do corpo, deforma a repetição do ato corporal acostumado, transforma o prazer da sexualidade*. Ao demonstrar a Nietzsche – símbolo de potência e excitação sexual – como usa o dildo de Benjamin, Preciado deseja a evidência de que o dildo *desloca o centro de produção sexual por criar nova forma de sensibilidade e de afeto!*¹⁵⁶ Para que ocorra o deslocamento do centro de prazer, o dildo *aloca a força performativa do código em outra superfície: o dildo repete o prazer como paródia.*¹⁵⁷ A técnica de produção que envolve o uso do dildo é o *deslocamento do código sexual para outro corpo*. O dildo se distingue do *sextoy* por chacoalhar a significação do signo. Benjamin, a título de exemplo, acredita que “a imitação pertence à brincadeira, e não ao brinquedo”.¹⁵⁸ No entanto, é brincadeira não por “fazer como se” o código tivesse se deslocado, mas por deslocar o código de maneira que se possa “fazer sempre de novo”.¹⁵⁹

Preciado prescreve a masturbação do braço como exemplo de prática contrassexual, como outro exemplo do dildo (não apenas como um objeto inorgânico fora do corpo, da imagem como brinquedo), em que os movimentos da masturbação simulam no braço a excitação sexual do órgão reprodutivo. Nessa prática, o código de excitação do pênis é deslocado para o braço anunciando um dildo-braço. Nós prescrevemos o popular estímulo do clitóris no pulso, no centro da mão ou na superfície da língua como uma *dica para espalhar clitóris pelo corpo*. O dildo, como uso do brinquedo inorgânico ou como lógica com o uso do corpo, golpeia o pênis tornando-o apenas um brinquedo entre outros; a diferença sexual com o dildo torna-se

¹⁵⁶ Cf. PRECIADO, 2014, p. 83.

¹⁵⁷ Cf. PRECIADO, 2014, p. 37, 59.

¹⁵⁸ 2012, p. 266.

¹⁵⁹ Cf. BENJAMIN, 2012, p. 271.

quase vazia. *O dildo resiste ativamente atuando na ruptura da cadeia de prazeres corporais e expandindo ao máximo as superfícies eróticas.*¹⁶⁰

O deslocamento performativo do *dildo se autoexcede e supera a excelência do prazer que parodia, incitando a perda de controle.*¹⁶¹ A incitação ao prazer no desvio decorrente do golpe de dildo incita à *perda da soberania* sexual, incita ao orgasmo de *estar possuído* pelo objeto, propõe que o corpo se encontre como um mero instrumento de prazer e de deslocamento. Se ânus é um lugar que Preciado insiste em tocar, é por – diferente de diversos filósofos na história – afirmar a *passividade como poder.*¹⁶² O dildo se parece com a perspectiva deleuzeana do martelo peniano é por que o golpe com ambos gestuam criação e crítica como antagonismos? Ora, ambos os corpos se direcionam ao deslocamento, à mudança de sentido, à alteração de gesto e de valor. No entanto, Preciado recomenda com o dildo a passividade, excitar-se com a penetração de corpos outros.

As duas personagens que usam o dildo no imaginário sexual são as lésbicas, a *femme* e a *butch*. A *femme* é a *mulher* que carrega consigo o próprio dildo, ou seja, a personagem que autoexcede a feminilidade no ideário sexual e que carrega consigo o instrumento de seu prazer, ou seja, a *femme* é aquela seleciona o prazer passivo de seu corpo. A *butch* é lésbica que parodia a masculinidade do homem, a caminhoneira, que sabe manejar o dildo da *femme*, aquela que conhece os diferentes dildos e sabe como usá-los para, por desejo, golpear o prazer na *femme.*¹⁶³ No entanto, há um dildo que Preciado afirma o uso e que afia a gramática, um dildo que figura uma identidade

¹⁶⁰ Cf. PRECIADO, 2014, p. 42

¹⁶¹ Cf. PRECIADO, 2014, p. 83.

¹⁶² Ao afirmar a passividade como poder em um texto sobre sexualidade e política, Preciado escreve que “é pela fragilidade que a revolução opera” (2015, p. 22).

¹⁶³ Cf. PRECIADO, 2014. p. 207-208.

sexual e que declina o código sexual da masculinidade, um dildo que simula o corte e efetiva o fim do pinto-martelo de Nietzsche.

Se a castração é uma metáfora tão forte na ideologia psicanalítica, é exatamente pelo potencial do corte como estratégia de subversão. Uma vez mais, não é o pinto-martelo de Nietzsche que opera a inversão de todos os valores, e sim, as *tesouras de sapa* que cortam, deslocam e colam. Por isso, ser “dildo-sapa” não é uma identidade sexual entre outras ou uma simples declinação dos códigos da masculinidade em um corpo feminino, e sim a sua última identidade sexual possível. Depois do dildo tudo se torna contrassexual.¹⁶⁴

A castração é a operação de corte no desejo, associada à lesbiandade na psicanálise, assim como, na mitologia grega as moiras (tecelãs) decidiam o destino dos mortais e dos deuses por meio do fio da vida tecido na roda da fortuna. O tecido significa a linearidade e a duração, a sorte ou o azar, da vida manipulada pelas moiras assim como a potência do desejo é objeto de manipulação pelas ‘tesouras de sapa’. As lésbicas figuram a decisão sobre a amplitude do prazer masculino na relação heterossexual através do corte como estratégia de resistência contrassexual. O exercício do poder coercitivo na atividade sexual do homem reforça o desvio da mulher à atividade sexual lésbica. A metáfora do corte está presente na operação da clínica psicanalítica.

A referência de Preciado à psicanálise pode ser comparada ao caso Dora, uma garota de aproximadamente 15 anos analisada por Freud e, posteriormente, teóricamente por Lacan em seminários (1951-1969). A própria referência à inversão, atribuída por Preciado a Nietzsche como uma mera inversão do valor da mulher atribuído pelo pinto-martelo, contem também designações possíveis à inversão na semântica da psicanálise. No caso Dora, Freud reivindica o direito de falar francamente sobre a relações sexual de sua paciente, sobre os órgãos sexuais,

¹⁶⁴ PRECIADO, 2014, p. 86.

chamando as funções sexuais pelo nome médico-científico.¹⁶⁵ Ainda a esse respeito, Freud se propõe a ensinar Dora como falar sobre a sua sexualidade, reivindicando os direitos de um ginecologista. Um ginecologista da palavra! Não seria a análise freudiana um dildo?

Dora se dirige à Freud com intenção de suicídio, reclamando que o amor de seu pai foi roubado pela sua amante, Senhora K. Os sintomas que Dora apresentava, eram compreendidos por Freud como um desgosto resultante da *inversão do afeto*.¹⁶⁶ A inversão do afeto conceituada por Freud pode ser comparada ao que Preciado entende por castração? A inversão do afeto é diagnosticada como causa de sintoma na clínica psicanalítica. Jacques Lacan comenta *três inversões dialéticas* que Sigmund Freud opera com a analisanda, no entanto a análise foi interrompida pela paciente antes da terceira inversão.¹⁶⁷ A *primeira inversão dialética* propõe que *a configuração dos objetos de desejo de Dora é pressuposta e suportada pelo seu próprio desejo*. O desejo inconsciente de Dora está encarregado de configurar os objetos de uma maneira que dispõe o significante paterno como negação. Pela identidade com o desejo paterno, Dora, por sua vez, deve se reconhecer como negativa. A *segunda inversão dialética* propõe que o ciúme de Dora em relação à Senhora K é a *manifestação da identificação com o lugar do objeto do desejo identificado*, ou seja, Dora se identificaria não apenas com o seu pai, mas com a amante de seu pai. No entanto, Freud e Lacan se distinguem na interpretação do caso de Dora. Na identificação com a Senhora K, Freud reconhece o amor de Dora por seu pai, enquanto Lacan – o que confirma a referência implícita por Preciado à castração como

¹⁶⁵ Cf. FREUD, 2016, p. 176-177.

¹⁶⁶ Cf. SAFATLE, 2006, p. 62.

¹⁶⁷ Idem.

inversão do afeto – reconhece o amor de Dora pela Senhora K. A *terceira inversão dialética* propõe *desvelar a contradição interna à imagem do objeto de desejo*, pois o desejo de Dora pela Senhora K reflete *o mistério de sua própria imagem sexual*. A interpretação de Freud encaminharia o sujeito a escolher um objeto capaz de substituir o investimento libidinal, sustentando a configuração dos lugares no desejo de Dora. A interpretação de Lacan identificaria Dora com a sua negação, *transformando o sentido* que o desejo de Dora atribui ao lugar de negação.

Michel Foucault comenta como o uso semântico da ideologia está sempre em oposição à verdade.¹⁶⁸ Paul B. Preciado atribui ideologia à psicanálise: por operar com ideias válidas entre si que não correspondem à materialidade dos corpos? Por não discursar o interesse que sustenta essa prática clínica? Por diagnosticar o inconsciente como negação? No entanto, o antagonismo evidente é que Preciado afirma o potencial político-sexual da castração enquanto a psicanálise identifica como gênese de sintoma; a clínica de Lacan como identificação da negação, a prática de Preciado como subversão da sexualidade.

A psicanálise, segundo a interpretação de Preciado, não possui operadores conceituais para evidenciar os processos que tornam o uso da tesoura necessário. As ‘tesouras de sapa’ são mais que um operador para a castração do desejo dos homens; as tesouras de sapa são mais que uma ferramenta para encerrar a declinação de vitalidade que ocorre com as mulheres dentro dos códigos masculinos; as tesouras de sapa intentam evitar a servidão da mulher inserida nos códigos masculinos. O trocadilho conceitual para a posição sexual em que as lésbicas excitam seus órgãos sexuais, as tesouras de sapa são ferramentas para constituir a elevação de vitalidade

¹⁶⁸ Cf. FOUCAULT, 2015b, p. 44

entre mulheres independentemente do valor atribuído pelo pênis. Como o dildo, as tesouras de sapa incitam o desejo pelo prazer independente do enrijecimento peniano, ampliando a superfície erótica do corpo.

Da mesma forma figuram as *mulheres do grelo duro*, atribuição de Lula à resistência feminista do Partido dos Trabalhadores, equivalendo o poder da excitação sexual da mulher (através do enrijecimento do clitóris) à confrontação com o poder coercitivo do homem. As tesouras de sapa e as mulheres do grelo duro gestuam o que outros atos sexuais denominam *chave de boceta*. Nessa prática sexual, a boceta é esfregada sobre a cabeça de outrem impedindo a mobilidade do corpo, simulando na cabeça a chave para o prazer – independente do enrijecimento peniano. Outra dica de *como espalhar clitóris pelo corpo*.

A dildo-sapa figura a culminação da identidade sexual feminina por Preciado porque as lésbicas desviam o corpo da mulher destinado ao homem pela cultura, as lésbicas deslocam o código de excitação e ampliam a superfície de inscrição de prazer. Determinados desejos e prazeres são cortados, deslocados e colados em outros lugares.

O *dildo* que Preciado mostra serve como medida de comparação com o *pênis on-line* exposto na superfície informática. Ao colocarmos as mãos sobre eles, percebemos comportamentos identitários e diferenciais entre eles. Quem tocará o webpênis senão Paul Virílio? A performance do *pênis em rede* demonstra como o desejo está ordenado em função do prazer na sexualidade cibernética: existem prescrições sexuais para ambos os pênis, porém *a rede informática organiza os atos*

*sexuais do pênis por categorias.*¹⁶⁹ As categorias que apresentam práticas sexuais por meio da superfície informática são prescritas como transformação do desejo em prazer; os atos sexuais expostos na superfície informática estabelecem quais as normas da sexualidade, quais as maneiras do desejo se direcionar ao prazer, e inversamente, o desejo que desvia dos atos e dos prazeres normalizados. Se todos os atos sexuais são igualmente prescritos, a prescrição direciona o reconhecimento social não apenas à pessoa com quem o ato sexual é praticado, mas ao próprio ato sexual praticado. A categoria propõe que naturalmente o pênis deseja a prática, que o prazer é o efeito do desejo e da prática própria ao órgão, e reciprocamente, que o corpo que o pênis efetuará a categoria deseja a prática, sente tal prazer – e se não deseja e não sente prazer, que o corpo apresentado na categoria está disposto ao pênis, que desse corpo é próprio tal prática, como na prostituição.

A superfície informática *prescreve imagens, gestos e toques com diferentes corpos*, em diferentes ambientes – propondo primeiramente o acesso dos mais atuais (ou seja, desinteressando o passado), os mais vistos (ou seja, os atos sexuais partilhados por número de acessos ou até por uma perspectiva múltipla) e os mais afirmados pelos que acessam e, posteriormente, as categorias aparecem por tipos de prazer. A categoria na superfície informática ordena o corpo que atua sexualmente por medida (e.g., tamanho, forma, cor), por etnia ou nacionalidade, por posição sexual, por função social, pelo ambiente e pelo dispêndio de esperma. O *pênis on-line* é incentivado tanto à masturbação quanto ao dispêndio de esperma (como uma causa imanente ao pênis) – os dispêndios de esperma também são ordenados por categorias (a partir do tipo de dispêndio sobre a mulher que atua sexualmente). Os sites

¹⁶⁹ Desde meados do século XVIII, a conduta do pênis é prescrita por categorias sexuais (Cf. FOUCAULT, 2015a, p. 71-72).

pornográficos que ordenam a homossexualidade não propõem categorias para as práticas entre mulheres, ou seja, as mulheres inexitem na homossexualidade.

Diferentemente do pensamento grego que trata o bordel como um espaço de trabalho sem obra, quem atua a prostituição na superfície informática tem por obra o seu si mesmo (o corpo, o gesto, o nome). A superfície informática cria um bordel superexposto: qualquer dispositivo com internet aproxima a cena sexual do espectador, aproximando ou distanciando o encontro sexual com outro corpo (encontro que envolve a superfície da pele). Esse bordel superexposto apresenta um sistema de dados que contém corpos atuando a prostituição, predominantemente composto por mulheres selecionadas pelo desejo coletivo. A prática sexual entre mulheres, contrariamente aos gregos e romanos, não é mais tratada como antinatural – a pornografia cibernética trata as *lésbicas como uma categoria de excitação para a heterossexualidade*. Os sites pornográficos não necessariamente dispõem o ato sexual lésbico como prática homossexual, mas necessariamente dispõe o ato sexual lésbico como uma categoria de prazer da heterossexualidade. A pornografia cibernética levou a sério a proposição foucaultiana de que as prescrições sexuais são feitas por homens e para homens e a proposição preciadiana de que o aparelho registra o corpo feminino sobre a perspectiva do olhar masculino, assim, os sites consideram o desejo feminino apenas uma categoria dentre outras. Ora, o alocamento do desejo feminino como uma categoria entre outras (criada recentemente e à margem do site pornográfico), *sem* o alocamento do desejo masculino como uma categoria, propõe que as outras categorias são dispostas ao desejo masculino como estrutura da normalidade vigente. Da mesma maneira, o alocamento do corpo negro ou gordo como uma categoria entre outras, *sem*

o alocamento do corpo branco ou magro como uma categoria, propõe que as outras categorias dispõem corpos brancos e magros estruturando uma norma.

Enquanto o desenvolvimento da tecnologia aproxima diferentes corpos indiferentemente ao espaço em que acessam a rede, a superfície informática que está em diferentes espaços mantém a categoria de um corpo originário; enquanto as populações de diferentes nacionalidades se misturam e se miscigenam em diferentes espaços disseminando a mitologia *global*, os sites pornográficos prescrevem práticas sexuais com corpos que sustentam o mito da nacionalidade – transformando a nação, não mais em uma linha imaginária que limita o território, mas em um corpo territorial com medidas antropométricas – e o corpo que guarda a territorialidade é o corpo de uma mulher cisgênero selecionada pelo diretor ou pela quantidade de acessos dos usuários. Que outro dispositivo dissemina detalhes tão minuciosos do corpo referenciando a nacionalidade? Se a burguesia do século XVIII e XIX, herdeira do aristocrata sistema de castas, prescreveu para si um cuidado com o próprio sexo como um cuidado eugênico com a descendência da espécie (e toda espécie de preceitos biológicos racistas), instaurando a interdição sexual com corpos que atribuíam degenerescência à procriação,¹⁷⁰ como compreender o paradoxo inserido nos sites pornográficos do século XX e XXI, ao exhibir nas mulheres os corpos “puros” de outras nacionalidades em atividade sexual e, simultaneamente, estimulando o espectador a se excitar sexualmente com eles?

Enquanto os diferentes corpos usam a superfície informática para a construção e o gerenciamento de uma personalidade liberando os diferentes fluxos singulares, a superfície informática atribui personalidades (máscaras) aos corpos através de

¹⁷⁰ Cf. FOUCAULT, 2015, p. 136-137.

medidas, sustentando valores identitários categóricos; curiosamente, o olhar antropométrico (no sentido mais amplo que esse conceito insiste) que fundamentou as pseudociências racistas e antisemitas do século XIX e XX, secciona os corpos por categorias nos sites pornográficos, ensinando os detalhes do corpo como informação para as práticas que convertem o desejo em prazer. Se para Preciado, o voyeurismo é afirmado como condição da sexualidade informática,¹⁷¹ não seria também a pornografia cibernética um aprimoramento da frenologia e do eugenismo – naturalizados para a população? Por que refugiados são uma nova categoria pornográfica internacional? Se uma estrela pornográfica corresponde a um outro corpo genérico, além da Mia Khalifa, quais corpos em atos sexuais amadores esse dispositivo pretende tornar espetáculo?

Enquanto o programa sexual com outro corpo é facilitado pela tecnologia, a superfície informática dispõe um banco de dados para a sexualidade cibernética com o registro de diversos corpos em atividade sexual, ordenados por categorias antropométricas (amplitude, fenótipo, idade, cabelo), por roteiro sexual (condição sexual, posições sexuais, dispêndios de esperma), personagens que representam (doméstica, enfermeira, professora), o ambiente em que se situam (quarto, escola, local público), entre outras categorias disponíveis, que inspirados pela filosofia viriliana podemos denominar *tecnociência sexual*. Se o dispositivo pornográfico pretende continuar as categorias da ciência sexual do século XIX (invertendo a mecânica da reprodução para a mecânica da perversão), a *tecnociência sexual* contemporânea é uma *pesquisa exploratória do sexo até o desempenho limite*. A *eficácia dessa tecnociência é a conquista tática da virtualidade sexual (em*

¹⁷¹ Cf. PRECIADO, 2010, p. 54.

contraponto à atualidade sexual disposta). Os corpos se encontram por causa ou através da cibernética (tinder), negando a realidade objetiva pela *aceleração da realidade* como em um esporte radical que atinge o desempenho recorde assumindo o *risco incalculável do desaparecimento*.¹⁷² A confirmação que o usuário experimenta é afirmada pelo *corpo eletrônico*, em que *a interatividade que configura a teleação eletrônica direciona o acontecimento na realidade*. A virtualidade se torna um *hipercentro* em que toda a realidade é margem, *impõe um tempo em que a simultaneidade das ações supera a sucessão das ações* e propõe para as relações um *horizonte de substituição* em que há uma *preponderância da perspectiva midiática sobre a perspectiva imediata do espaço*.¹⁷³ Assim como as atrizes pornográficas são substituídas após a captura de seus primeiros gestos amadores, os corpos em rede usam a tecnologia para a substituição afetiva uns dos outros. A realidade virtual é uma *amplificação da espessura audiovisual* das aparências do mundo real: os corpos transmitem seus momentos mágicos no instagram e seu sexo na webcam. Em duplo sentido, *o corpo eletrônico dos usuários vagueia num programa de busca*. Os aparelhos tecnológicos não são apenas uma máquina em que se obtém informações, mas são uma *máquina de percepção automática que operam no espaço de uma realidade geográfica*.¹⁷⁴ As grandes narrativas foram substituídas por pequenas narrativas de oportunidade prática. A publicidade de si exige impor seu meio à contemplação de uma multidão de telespectadores como instrumento de promoção que dirige o olhar de todos para pontos de vista privilegiados.¹⁷⁵ Ora, mas o que a tecnociência sexual conquistou além de falsas técnicas para esticar o pênis? O que

¹⁷² Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 10.

¹⁷³ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 20.

¹⁷⁴ Cf. VIRÍLIO, 1999, p. 23.

¹⁷⁵ Cf. VIRÍLIO, 2014, p. 20.

pretende a pornografia como tecnociência sexual, como ciência da possibilidade, ao classificar como ato sexual um gangbang ou um bukkake sem a preponderância estatística de um abuso ou um estupro – o sexo como limite ou desapareção? Que ética é prescrita para lidar com os vídeos de corpos adolescentes que usam o dispositivo pornográfico como espetáculo para o anônimo espectador público do striptease ou dos primeiros atos sexuais (pedofilia) senão o silêncio?

Esse extenso banco de dados sobre os corpos em atividade sexual que promove a masturbação coletiva sugere que a vontade composta socialmente é o cuidado erótico de uma *prostituta informática*, o estímulo do pênis e do clitóris em torno de diversos dados sobre corpos minuciosamente selecionados para a atividade sexual. Se não é esse o conceito de cuidar de um brinquedo virtual ativo sexualmente, será que sustentamos a manutenção de um sistema que, como um cérebro abstrato, captura os corpos de interesse coletivo para estimular as sexualidades cibernéticas até o orgasmo? De maneira irônica, os sites pornográficos dispõem tecnologia que sincronizam o brinquedo sexual ao vídeo para que o computador excite o usuário simultaneamente à atuação sexual encenada. Seja com a prostituta informática ou com a sincronia do brinquedo ao vídeo, o convite maquínico é nítido: *sincronize o seu brinquedo ao vídeo e deixe que o computador te foda!*

A culminação de poder na esfera da pornocracia será figurada pelos pansexuais e contrassexuais. Ou seja, o poder corpóreo será figurado por aqueles que são capazes de atribuir seus desejos e prazeres independentemente das categorias de interação e, semelhantemente, o poder corpóreo será figurado por aqueles que são capazes de insurgir com seus desejos e prazeres paralelamente às *categorias* de interação.

A pornografia estimula como indústria sexual à necessidade constante em lidar com a maneira de tocar tanto a si quanto a outrem. Os indivíduos que acessam a pornografia por meio da mídia (textual, fotográfica ou cinematográfica) e encontram seus semelhantes que também a acessaram (por outra perspectiva) são impulsionados a lidar com essa série de toques e com as intensidades de sua performance para poder o prazer com o próprio corpo e causar prazer aos demais corpos.

A psicossomática de quem trabalha constantemente com o sexo precisa de afeto, isto é, fora de suas genitais – *ampliar a superfície erótica*. A psicossomática de quem trabalha com a indústria sexual (seja estatal, como na França em revolução, seja comercial e independente de gênero) precisa de reconhecimento afetivo de maneira que a vida flua bem até se restaurar coletivamente. Se para a masturbação coletiva existe a cooperação de corpos em todos os setores – da gestão à performance sexual, do consumo à disseminação –,¹⁷⁶ para a cura existe também uma cooperação da coletividade. A memória de quem trabalha com o sexo é incitada desmedidamente, de quem convive com a indústria sexual (e tem superfícies expostas) e, de outra maneira, de quem copia gestualmente a maneira que quem participa do trabalho sexual tem para tocar – isto é, adolescentes que desconhecem maneiras de se vincular a outrem e fazem desse uso um meio de reconhecimento do seu próprio corpo. A superação do abuso necessita de afeto, mas mais que isso, de condições para a sociabilidade psicossomática que transformem a percepção de envolvidos. Esse processo precisa, não de poder coercitivo sobre o corpo, mas de potência coletiva até uma revolução. E para isso, garantir as condições que tais pessoas tenham para continuar a vida afetiva, na mesma atividade (caso seja do próprio desejo) ou em outras atividades. Reinserir o

¹⁷⁶ Cf. PRECIADO, 2018, p. 323.

desejo gradualmente em outros fluxos coletivamente convergentes que não dizem respeito ao sexo, mas a modos de viver que potencializem o cuidado. A conversa acerca dos processos entre os corpos que participaram diretamente do uso uns de outros, propondo novas maneiras de ressocializar até que a interação entre os corpos tenha uma convivência afetiva de qualidade segundo o desejo dos corpos. De maneira a garantir a convivência da multiplicidade nesses territórios, perpetuando não mais a vontade de poder ou a vontade de potência, mas a vontade de comunidade em que os diferentes fluxos em atividade se misturam. Com isso, a comunidade carrega em si mesma não pessoas que se relacionam na igualdade, mas na diferença que as constitui.

Como se Nietzsche professasse um novo tempo político, a personagem Zaratustra discursa sobre inventores de imagens e fantasmas se tornarão e se articularão os homens.¹⁷⁷ Se a pornografia trabalha com o tecido nervoso, com a sensibilidade da pele (o que Preciado nomeia trabalho hipermaterial),¹⁷⁸ por outro lado, ao carregar uma assinatura ou o signo de um corpo (e.g., o nome), a pornografia possui também uma dimensão espectral.¹⁷⁹ Assim, a animalidade dos corpos não é suficiente para estabelecer uma interpretação da pornografia, pois a criação de espectros emerge como um uso para a conduta ética dos corpos, ou mais especificamente: a virtualidade espectral configura a estética que os corpos criam sobre si e sobre os demais. A pornografia continua sob a constitutividade virtual do espectro, ou seja, o *nome* e o *discurso* que circula acerca da imagem corporal articulando um sujeito é ainda campo de atividade sexual, de toque, de carícia, de contato ou de interação. Assim se trata de atrizes pornográficas famosas como Sasha

¹⁷⁷ Cf. NIETZSCHE, 2011, p. 97.

¹⁷⁸ Cf. PRECIADO, 2018, p. 309.

¹⁷⁹ Cf. AGAMBEN, 2014, p. 63.

Grey ou Linda Lovelace. A pornografia não se encerra com a carne, mas se perpetua sob o mecanismo do fantasma. Logo, reconstituir a psicossomática de quem trabalha com o sexo é reconstituir os discursos circundantes, bem como, o nome em atividade como espectro. O entrelaçamento de discursos de força, discursos comunitários, que colocam o corpo a se estender sobre uma estética da vivacidade são indispensáveis para a reconstituição psíquica do sujeito que se encontra envolvido no trabalho sexual. Preciado identifica essa transformação do discurso acerca do sujeito como um *nomadismo midiático* que alucina a realidade no século XXI.¹⁸⁰ Os discursos que tocam os sujeitos, que entrelaçam os corpos, então, devem inserí-los em um *lugar de confiança* – mesmo quando acompanham espectros.

O trabalho sexual incute não apenas a violência física, mas também a violência neuronal. Com a atividade de constantemente conduzir a si para conduzir a conduta alheia, o indivíduo desempenha na conquista de sensações aos corpos. Esse procedimento de conduzir constantemente a conduta de outro indivíduo consigo o *pressiona* – para fora ou para dentro de si mesmo? A condução de condutas do outro com o trabalho sexual pressiona o indivíduo com a condução da própria conduta até o limite. “Quando a repressão externa é superada, surge a pressão interna. Desse modo, o sujeito de desempenho desenvolve uma depressão e a violência continua se propagando a passos largos, apenas em seu interior”.¹⁸¹ Essa violência da pressão interna constante desencadeia no indivíduo a depressão, na medida em que “vai se livrando mais e mais da negatividade do outro ou o inimigo, tornando-se autorreferente”.¹⁸²

¹⁸⁰ Cf. PRECIADO, 2010, p. 159.

¹⁸¹ Cf. HAN, 2017, p. 10.

¹⁸² Cf. HAN, 2017, p. 11.

Dessa forma, a maneira de se liberar da violência positiva ou incitativa é se deslocando do espaço de violência, restituindo o amor, “como sistema protético de informação psicossomática”, à esfera do sexo. Mais que isso, liberar o deslocamento dos sentidos, dispondo-os de outra maneira, também restitui a afetividade do sujeito que abandona o trabalho sexual. Ampliar as demais atividades do corpo (sobretudo atividades compartilhadas com outras pessoas conhecidas pelo sujeito) restitui a vivacidade das demais práticas.

É preciso se perguntar se, como o homem louco de Nietzsche, Preciado chegou cedo demais? Preciado descobre uma nova ágora visitando as pornotopias, os espaços que cultuam os prazeres atribuídos pelos órgãos sexuais, e anunciando por meio do seu *requiem aeternam cole* o espaço pornográfico como túmulo e mausoléu do pênis.

*Para outros o universo parece honesto.
Parece honesto para as pessoas de bem
porque elas tem olhos castrados.
É por isso que temem a obscenidade.
Não sentem nenhuma angústia ao ouvir o grito do
galo ou ao descobrirem o céu estrelado.
Em geral, apreciam os “prazeres da carne”, na
condição de que sejam insossos.*

*Mas desde então, não havia mais dúvidas:
eu não gostava daquilo
a que se chamava “prazeres da carne”,
justamente por serem insossos.
Gostava de tudo o que era tido por “sujo”.
Não ficava satisfeito, muito pelo contrário,
com a devassidão habitual,
porque ela só contamina a devassidão
e, afinal de contas, deixa intacta uma essência
elevada e perfeitamente pura.*

*A devassidão que eu conheço
não suja apenas o meu corpo
e os meus pensamentos,
mas tudo o que imagino em sua presença
e, sobretudo, o universo estrelado...*

História do olho, p. 11.
Georges Bataille

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução por: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução por: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Nudez*. Tradução por: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. *O amigo & o que é um dispositivo?*. Tradução por: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2014c.

_____. *A potência do pensamento*: ensaios e conferências. Tradução por: Antônio Guerreriro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

_____. *Meios sem fim*: Notas sobre a política. Tradução por: Davi Pessoa Carneiro; Belo Horizonte: Autêntica, 2015c.

_____. *A ideia da prosa*. Tradução por: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

BATAILLE, Georges. *História do olho*. Tradução por: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Benjamin e a obra de arte*: Técnica, imagem, percepção. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. Tradução por: Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução por: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução por: GT Deleuze – 12. São

Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução por: Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Lógica do sentido*. Tradução por: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução por: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3a ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução por: Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução por: Márcia Bechara. São Paulo: Editora N-1, 2016.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. Tradução por: Grupo Espinosano da USP. São Paulo: EDUSP, 2015a.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução por: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *As palavras e as coisas*. Tradução por: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução por: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução por: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução por: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução por: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora N-1, 2015b.

HAN, Byung Chul. *Topologia da violência*. Tradução por: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. Tradução e organização por: Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005A.

_____. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. *A gaia ciência*. Tradução por: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. *Aurora*: reflexões sobre preconceitos morais. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2016a.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*: ou como se filosofa com o martelo. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2017.

PRECIADO, [Paul-]Beatriz. “Pharmaco-pornographic politics: towards a new gender ecology”. *Parallax* v. 14, n. 1 (2008). p. 105-117.

_____. *Pornotopia*: arquitetura y sexualidad en *Playboy* durante la guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’”. *Estudos feministas*, v. 19, n. 1 (2011). p. 11-20. Tradução por: Cleiton Zóia Munchow e Viviane Teixeira Silveira.

_____. *Manifesto contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução por: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora N-1, 2014.

_____. *Testojunkie*: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução por: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora N-1, 2018.

SAFATLE, Vladimir. *A paixão do negativo*: Lacan e a dialética. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. *O circuito dos afetos*: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIRÍLIO, Paul. *A bomba informática*. Tradução por: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. *O espaço crítico*. Tradução por: Paulo Roberto Pires. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2014.